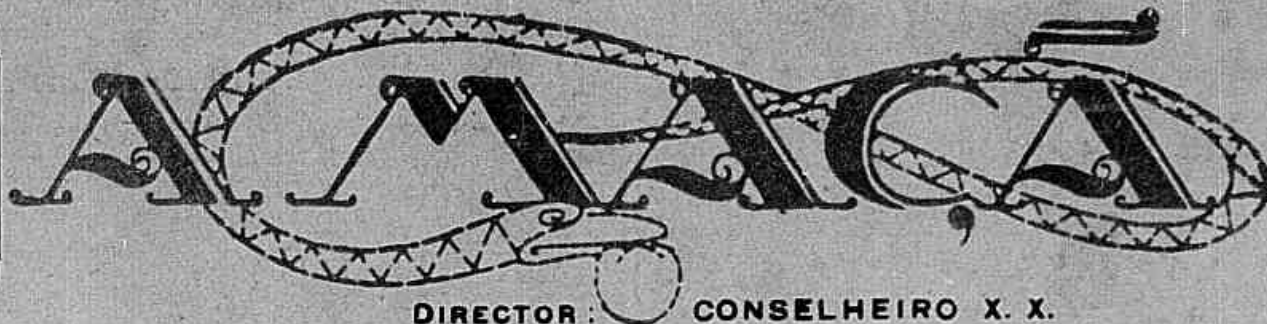


Num.
45
Anno I



16
Dezembro
1922

DIRECTOR: CONSELHEIRO X. X.

PASSATEMPO DE VERÃO



Refrescando...

EDIÇÕES DA GRANDE LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

Nossa casa, notavel pelo seu enorme e variado sortimento de livros de sciencia, pedagogia, litteratura, etc., tanto nacionaes como estrangeiros, apresenta, nesta relação, alguns dos trabalhos de que, no ramo litterario, é editora, affirmado o valor dessas produções pelo alto merito dos seus autores, dispensados estes, pela sua fulgurante notoriedade, de menção bordada de elogios:

Microscopo, Elogio das flores e dos insectos, de Hermes Fontes, br. 3.000, enc.	4.000	Preceitos e Conceitos, do Prof. Dr. A. Austregesilo, da Academia, br. 5.000, enc.	6.500
Moinhos de vento, (2a edição), humorismos de Bastos Tigre, br. 4.000 enc.	5.000	Pastoraes, de D. Silverio Gomes Pimenta (da Academia), br. 4.000, enc.	5.000
Noticia da Grande Guerra, (1914-1918, Front Belga), pelo Major Dr. Corrêa do Lago, ex-addido militar á Legação do Brasil, junto ao Governo Belga, obra ornada com innumeras gravuras e mapas, br. 10.000 enc.	13.000	Palavra Publica, do Prof. Dr. José Eduardo da Fonseca, (2a edição) br. 3.000, enc.	4.000
Nevroses, versos de Murillo Aranha, br. 4.000 enc.	5.000	Problemas da Guerra e da Paz, pelo Dr. Nuno Pinheiro (fiscal do Governo nos bancos), brochado 4.000, enc.	5.000
Nhônô Rezende, romance de Abel Juruá, (pseudonymo da escriptora D. Iracema Guimarães Villela), br. 4.000 enc.	5.000	Reminiscencias de um rabula criminalista, do Dr. Evaristo de Moraes, br. 10.000, enc. 12.000, chag.	14.000
Os Caiçaras, prosa do saudoso humorista Baptista Coelho, João Phoca, prefacio de D. Julia Lopes de Almeida, br. 3.000, encadernado	4.000	Ronda dos Seculos, (2a edição), de Gustavo Barroso (João do Norte), br. 5.000 enc.	6.000
O Pat. larcha da Imprensa, do Dr. José da Fonseca (da Academia Mineira), br. 3.000, enc.	4.000	Silvestre Lagedo, romance de Plinio Cavalcanti, brochado 4.000, enc.	5.000
Outomno, poesias do saudoso poeta Mario Pederneras, com illustrações dos nossos melhores desenhistas, br.	3.000	Sciencia parlamentar, de Hamilton, trad. de Otto Prazeres, brochado	3.000
O Imperio do Sarcasmo, do Dr. Caio de Carvalho, brochado	3.000	Tratado brasileiro do Jogo do Pocker, por José Caetano (pseudonymo) contendo regras indispensaveis, golpes certos, conselhos oriundos de uma longa pratica e varias pilherias, br.	3.000
O Feliceiro, do Dr. Xavier Marques, da Academia, brochado 5.000 enc.	6.500	Terra Convalescente, poesias de Mauseto Bernardi, brochado	3.000
Os Allados, comedia em 3 actos, de Gastão Tojeiro, br.	2.000	Tumulto, poesias de Prado Kelly, br.	3.000
O Elegante Doutorinho, a proposito em 1 acto, de Gastão Tojeiro, br.	1.000	Torrente encadeada, poema de Octavio Augusto, brochado	2.000
O Acre, romance de Nios, br.	5.000	Tratado de sciencia occulta, de Mucio Teixeira, Barão Ergonte. A 1a parte trata exclusivamente da doutrina theosophica; a 2a ensina a maneira pratica de lêr a sorte pelas linhas da mão e pelas cartas de baralho. Trabalho magnificamente illustrado, dotado de um baralho de cartas adequadas á materia, cartonado	10.000
Os Gaúchos, de Mucio Teixeira (Barão Ergonte) Estudo do meio physico, do Momento historico, da Vida pampeana, do Cancioneiro popular, e Synthese biographica dos rio-grandenses illustres, 1º e 2º volumes, de grande formato, cada um, br. 7.000 enc.	9.000	Tonel de Diogenes, nova edição das notaveis chronicas do Conselheiro X. X. apparecidas em livro sob esse titulo, br. 5.000, enc.	6.500
O Hospede, romance de Aristides Rabello, br.	5.000	Valle de Josephat, continuação das famosas chronicas do Conselheiro X. X. (Humberto de Campos, da Academia), br. 5.000, enc.	6.500
O Imperador visto de perto, (Perfil de D. Pedro II), por Mucio Teixeira, Barão Ergonte, intimo da familia imperial decahida, br. 5.000 enc.	7.000	365 dias de Boulevard (2a edição), de Théo-Filho, br. 4.000 enc.	5.000
O Perigo americano, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br.	1.000	Marido e Amante, romance do Dr. Americo Werneck, br.	6.000
Poemas e Sonetos, de Ronald de Carvalho, obra premiada pela Academia, enc.	5.000	Um desfilar de lembranças, do Dr. Cyro de Azevedo, br.	6.000
Paginas de critica, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br. 5.000, enc.	6.000	Cousas do meu tempo, de Ernesto Mattoso, br.	5.000
Philosophia da Arte, do Dr. Vicente Licinio Cardoso, br.	6.000	Era uma vez... — versos de Guilherme de Almeida, br.	3.000
Prosas de Casandra, chronicas do Dr. Eduardo Ramos, prefacio do Dr. Ruy Barbosa, da Academia, br. 4.000, enc.	5.000		

PEDIDOS DIRECTAMENTE Á GRANDE LIVRARIA EDITORA

LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899

Endereço telegr. ETIEL.

Telephones: Central 250 e 38



"VALET"
Autostrop
Safety Razor

UMA PERGUNTA:

V. S. contribue para esses milhares de laminas de navalha de segurança que diariamente são jogadas fóra por não prestarem mais?

V. S. já fez a conta do quanto gasta por anno? Fazendo a conta verificará, com surpresa, que a verba dessa despesa não é pequena, mas até bem grande!

Pois bem! A aquisição da afamada navalha de segurança «VALET AUTOSTROP» pelo preço vantajoso de quinze mil réis, traz lhe a seguinte economia:

A navalha é acompanhada de um finissimo afiador e tres laminas. Graças a esse afiador póde V. S. afiar as laminas e fazer umas 50 ou mais barbas com cada uma. Portanto, com tres laminas, V. S. fará umas 150 barbas bem feitas.

Essa grande vantagem convida a que V. S. compre hoje mesmo uma navalha «VALET AUTOSTROP», pois, só a economia em laminas pagará seu custo muitas vezes.

O melhor presente de Natal

À venda nas casas: Mappin & Webb, Casa Colombo, Perfumaria Avenida, Crashley & Cia., Alberto de Almeida, Optica Ingleza, Casa Madureira, Casa Cirio e Casa Hermann.

Em São Paulo: Casa Lebre, Casa Prefin, Casa Luiz Gomes, Ao Boticão Universal, Jayme Teixeira.

CASA GAÚCHO

NÃO TEM FILIAES

Loterias, commissões e descontos

L. COSTA & COMP.

RUA CHILE, 3

Telep. Cent. 5740 — End. Teleg. GAÚCHO — Caixa Postal 481

— RIO DE JANEIRO —

COMP. DE LOTERIAS NACIONAIS DO BRASIL

Extracções publicas sob a fiscalização do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, 16 de Dezembro, Às 3 horas da tarde

50:000\$000

POR 8\$000 EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na sede da Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

O maior acontecimento da actualidade é a CASA TEDESCO e a sua grande venda annual com REAES REDUCÇÕES em todos os artigos.

Charmeuse, Crepe da China, georgette, organdys, filós, linhos, cambraias, voilagens.

Meias de seda desde 7\$000, ditas de fio de Escossia, artigo francez, por 8\$200. Sortimento completo das afamadas meias de seda "Aguia", a preços de reclame.

9, RUA GONÇALVES DIAS, 9

GRANDE VENDA
10 % 20 % e 30 %

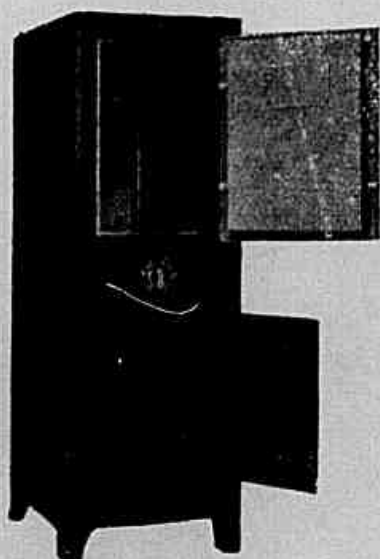
Roupas Brancas

para
Senhoras,
Cama
e Mesa,
Cintas
e Espartilhos.

Tecidos finos — Artigos para presentes

CASA RAUNIER- Ouvidor, 176

Porque V.S. deve preferir
o cofre moderno "MINERVA"



Porque é construido segundo os preceitos da mais moderna technica —

Porque a sua resistencia tem sido comprovada em violentos incendios (attestados á disposição) —

Porque é o producto de uma casa de responsabilidade —

Visitem minhas exposições a

Rua da Quitanda 156 e 158

Palacio das Industrias

Pavilhão das Grandes Industrias Nacionais

CASA JOHN ROGER

Agente geral das Machinas de escrever Smith & Bros,
Hammond, Multiplex mimeographo "Edison-Dick" etc. etc.

Royal Store

Deixa á apreciação de sua distincta clientela alguns preços das suas secções de

Lingerie - Cama e mesa

Camisas de dia com bordados.....	3\$500
Camisas de dia com bordados finos....	5\$500
Camisas de dia finissimas	6\$000
Camisas de dia com finissimos bordados	7\$500
Camisas de dia com applicações filet....	8\$500
Camisas de dia bordadas a mão.....	10\$000

Calças bordadas	4\$800
Calças com finissimos bordados	5\$500
Calças de cambraia com finos bordados.	14\$500

Camisas de noite artigo superior	6\$000
Camisas de noite com bordados	7\$500
Camisas de noite com finos bordados..	11\$500
Camisas de noite com bordados suissos	12\$500
Camisas de noite com bordados suissos	17\$500
Camisas de noite com rendas de filet..	24\$500
Camisas de noite em cambraia, artigo superior.....	24\$000

Combinações com rendas finas
a 18\$000 e 21\$000

Combinações de seda, artigo finissimo
37\$500

Guarnições em cambraia de linho bordadas á mão
Reclame 60\$000

Finas guarnições em cambraia para enxovaes
confeccionadas a mão
com rendas verdadeiras

Fronhas de cretone com bainha a jour	
40x40	2\$800
50x50	3\$200
55x55	3\$600
60x60	3\$000
65x65	4\$000
70x70	4\$300
60x40	3\$200
65x45	3\$500

Colchas brancas artigo superior	
Reclame.....	8\$500
Lençoes trançados com bainha ajour	
200x160	9\$800
Lençoes bordados, artigo fino	
Reclame.....	20\$000

Lençoes de cretone com bainha a jour

200x140	9\$500
200x140 (finissimos)	11\$800
220x160	13\$500
220x180	16\$900
250x200	21\$500
260x220	24\$000

Ricas guarnições para cama
desde 63\$000

Sortimento variado em pannos bordados para toilettes, 7 guarnições

Mosquiteiros para casal
preço de reclame 60\$000

Toalhas adamascadas para mesa	
150x145	7\$200
200x145	10\$200
250x145	12\$200
300x145	15\$000
350x145	17\$200

Guardanapos para chá, duzia.....	3\$800
Guardanapos adamascados para mesa	
50x50 duzia	11\$200
60x60 "	14\$500

Sortimento completo em colchas, guarnições, cobertores, toalhas para rosto
Reclame — uma..... 2\$000

187 - Rua do Ouvidor - 189

TELEPHONE NORTE 6717

Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte, é preciso ter usado o

“SEXUOL”

Remedio providencial, de efeitos assombrosos, incomparavel nos casos de Esterilidade — Debilidade sexual — Esgotamento nervoso — Fraqueza senil — Cachexia organica — Inappetencia genesica — Neurasthenia — Pouca virilidade, produzida por excessos.

Preparação opotherapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard

Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS: **RIO DE JANEIRO** — Hargreaves & Cia.
Quitanda, 17
S. PAULO — Messias, Andreucci & Cia.
DROGARIA INTERNACIONAL - R. Quintino Bocayuva, 18



BIOTÔNICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

Em todas as pharmacias e drogarias
Depositarios: Plinio Cavalcanti & Cia.
Rua da Alfandega, 147 - RIO

Agencia de “Publicações Mundiaes” de Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — Teleph. 1968 N.

RIO DE JANEIRO - BRASIL

Sciencia do Amor.....	18500
Os segredos da geração. Como determinar o sexo na concepção segundo os nossos desejos. 2.a edição...	28000
O filho milagroso. Contos galantes.....	18000
Sciencia em familia. Collecção de curiosas experiencias ao alcance de todos.....	28500
Amar, gosar, morrer. Romance realista de Max Bois. 2.a edição.....	28000
Hygiene do Amor. Iniciação amorosa pelo Dr. Paulo Durand.....	28000
A dansarina de Pompeia. Romance de costumes antigos por Jean de Bertheroy.....	28000
Mysterios da “Seita negra” ou os Dramas Secretos dos Conventos, por Max Dariol. Edição profusamente illustrada.....	58000
Um cabra perigoso. Contos singelos.....	28000
Costumes e vícios sexuaes.....	18000
Contos bizarros, por A. Sylvestre.....	18000
Cartas de mulheres, por Prevot.....	18000
A filha do peccado. Romance.....	18500
Voluptuosidades Romanas.....	18000
Sensações — Regina de Alencar.....	38000
Romances Illustrados de Paulo de Kock a	15000

As ligas da noiva || A Filha perdida
Bella costureira || Amor e ciúme

Collecção, Garota a 200 rs.

Um passeio ao campo || Uma Aventura de Amor
A cela de Cleopatra || O banho de Adelina
Eva (em espanhol) \$500

Semanario festivo para orlaças de 8 a 80 annos, e para idade inferior a 8 annos «Carlitos» revista recreativa e instructiva..... \$200

Pelo correio mais 500 rs. sobre os preços marcados.
Novidades por todos os vapores — revistas, Figurinos, Bordados, Jornaes e Romances de todos os generos.

NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES. — REVISTAS, JORNAES E ROMANCES DE TODOS OS GENEROS

VENDE-SE NUMEROS ATRAZADOS D' «A MAÇA»



Director: **CONSELHEIRO X. X.**

OS CONTOS DO CONSELHEIRO

A revolta da fortaleza



Dois dias antes da rebelião no forte de Copacabana, estava o dr. Galdino Godinho no seu cartório da rua do Rosario quando um telegramma lhe annunciou a chegada, á noite, de sua prima Julietta, que vinha de São Paulo, onde acabava de perder o marido num desastre de automovel.

— E' o diacho! — exclamou o conhecido tabelião. — Leval-a para um hotel não fica bem; e hospedal-a em minha casa, seria um escandalo, uma vez que eu estou sosinho, e com a familia toda em Therezopolis.

Após uma serie de conjecturas, resolveu o notario arrostar os perigos da maledicencia publica, e, á noite, entregava o seu palacete da Avenida Atlantica á encantadora viuvinha recém-chegada.

Julietta Amorim andava pelos vinte e oito annos, e era uma dessas creaturas que, sem serem bonitas, se tornam, de prompto, perigosas. Era morena, um pouco pallida, de grandes olhos negros, e com uma bocca muito vermelha, que duas fieiras de dentes pequenissimos ornamentavam com certa graça. E como não tinha tido filhos, possuia um busto forte, sadio, desafiante, que ella punha em relevo constante com umas blusas de decote em V, cuja extremidade inferior patenteava, como uma promessa, soltam!

o valle caricioso de que falam desabusadamente os poetas.

Na madrugada de 4 para 5 de julho, estava, assim, a viuva Amorim na residencia do primo, quando o forte de Copacabana fez o primeiro disparo. Nos armarios, na despensa, na cosinha, a louça, os copos, os crystaes, tilintaram ruidosamente, como num terremoto. Dois vidros das janellas, no andar superior, estalaram, vindo rebentar em baixo, no jardim, multiplicando os pedaços. E foi alarmada com o barulho, que a viuva se atirou do leito, em camisa, como estava, correndo a abrigar-se no quarto do primo, que já se achava de pé, amarrando os cordões do pyjama.

— Nossa Senhora! — gemia a moça, muito pallida, batendo o queixo, de terror.

OS CONDEMNADOS



— Aonde eu vou? Vou pedir ao Lauro Sodré que requeira amnistia, tambem, para os maridos... que as mulheres não soltam!

Um segundo tiro, disparado nesse instante, deu a entender a Galdino Godinho que se realizava, finalmente, o boato politico, circulante ha alguns dias.

— E' a revolta! — exclamou, franzindo a testa, como quem acaba de apprehender a gravidade excepcional de um momento. — E o melhor, é fazermos como se fazia em Paris, durante a guerra: irmos para o porão, que é subterraneo, e onde não chegarão, absolutamente, as grana-

VESTIDOS

"Alta Novidade"

PARA VERÃO

Exposição dos mais
recentes modelos

AO 1º. BARATEIRO

Avenida Rio Branco, 100





O FURUNCULO

Não obstante a clareza do seu chamado, pedindo ao dr. Richet, um velhote paternal e bonachão que a tratava desde pequenina, que fôsse visitá-la em casa, foi um rapazola, quasi imberbe, especie de Don Juan para senhoras maduras, que se apresentou, explicando:

— O dr. Richet, madame, afastou-se, hontem, da cidade, a serviço da profissão; como temos, porém, consultório no mesmo predio, fiquei eu incumbido de attender os seus clientes, durante a sua ausencia.

Visivelmente aborrecida com esse contratempo, mme. Belmonte hesitava em submeter-se ao exame necessario. E, no entanto, a pobre senhora soffria atrocemente com um furunculo tão mal collocado — ou tão bem collocado, é uma questão de ponto de vista, que estava impossibilitada, mesmo, de sentar-se.

A' simples idéa de que podia mostrar áquelle rapazola a região em que o mal se localizára, fazia-a coar. E foi por isso mesmo que pediu desculpas ao jovem facultativo, pretextar do uma indisposição sem importancia e promettendo seguir á risca as complicadas prescripções que este lhe fez. Só após a retirada do moço, pôde a virtuosa senhora recobrar a sua serenidade, para pensar, de novo, no maldito furunculo.

A' medida, porém, que as horas se passavam, o mal se accentuava, torturando-a. Pontadas agudas, se multiplicavam, fazendo-lhe sentir a necessidade de um medico, que substituisse o seu velho esculapio.

— Já que é indispensavel, seja! — exclamou, de repente, entre dois gemidos. — Antes, porém, de me exhibir ao substituto do velho Richet, eu prefiro me confiar a qualquer medico de um bairro popular. Este, ao menos, não saberá quem sou, e não poderá commentar, jamais, com outros, as particularidades da minha anatomia.

Assim pensando, vestiu-se, procurando imprimir á sua «toilette» um tom de absoluta simplicidade, o qual, na sua opinião, encobriria absolutamente a sua identidade. Feito isso, transportou-se ao outro extremo da cidade, penetrando, sosinha, num bairro visivelmente modesto.

Andar vagaroso, começou a procurar, com os olhos, as placas das casas, decifrando-as uma a uma. Em certo momento, parou. Gravado em letras douradas, num fundo de marmore negro, apparecia a indicação providencial:

Dr. Martin

Medico

Consultas de 1 ás 3

Sem querer ver mais, enfiou pela porta, subiu a escada o mais rapidamente que pôde, parando diante de um gabinete, cuja campainha comprimiu. A emoção a estrangulava, como si se tratasse de um encontro galante.

Ao fim de alguns minutos de espera em um salão banal, a moça se encontrou diante de um homem sympathico, jovem ainda. Isso, porém, não a amendrontou, porque, com certeza, nunca mais o encontraria no seu caminho.

— Doutor, — começou ella, — eu tenho padecido horivelmente.

— Ha quanto tempo, minha senhora?

— Ha uns oito dias, mais ou menos. Ha uma semana, quasi, que não sei o que é dormir!

— Ha de ser um abcesso, — diz o rapaz.

— E o peor é que eu não posso nem me sentar.

— Como? Como? — estranhou o profissional, coçando a cabeça, perplexo. — A senhora não pôde se sentar?

— Absolutamente!

— Nesse caso, é preciso tirá-lo.

— Mas eu soffrerei muito; não é, doutor?

— Não tenha receio, minha senhora; pôde ficar tranquillizada. Eu farei uma anesthesia local, e a senhora não soffrerá nada.

E approximando-se da cliente:

— Faz o obsequio de mostrar-m'o; sim?

Imediatamente, vermelha de vergonha, mas corajosa apesar de tudo, mme. Belmonte levanta o seu vestido, e apresenta, aos olhos espantados do profissional, um soberbo globo terrestre, de uma alvura immaculada, no qual se destacava, ao lado da linha do Equador, um minusculo Vesúvio em relevo.

— Então, doutor, que o senhor acha? — interrogou a paciente, ao adivinhar a indescisão do rapaz.

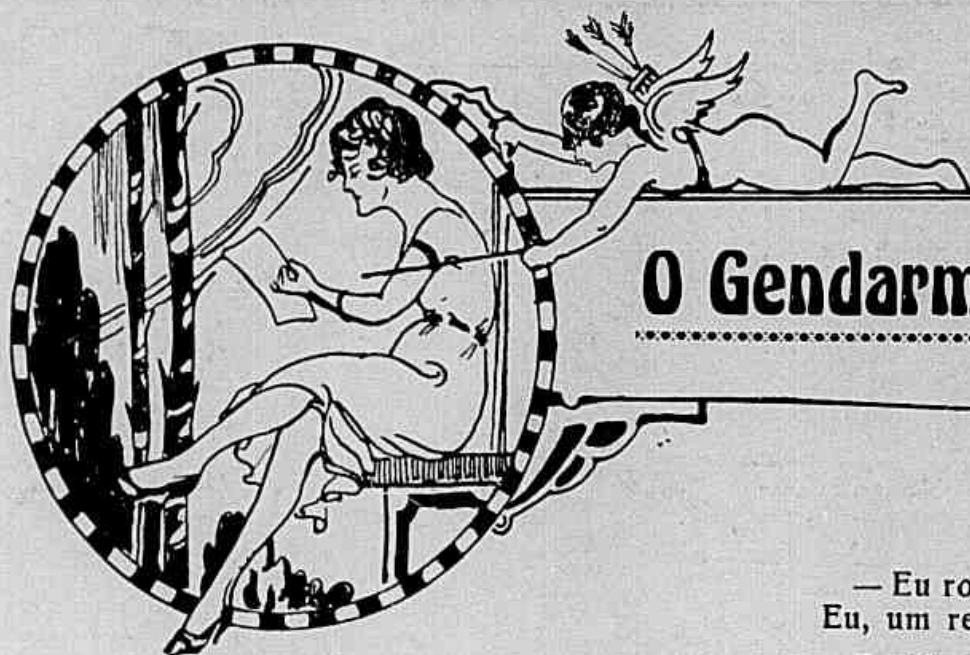
— O que eu penso, madame? — gaguejou este.

E confuso, também:

— O que eu penso é que a senhora deve procurar um medico. Aqui em cima, no outro andar, tem um, o dr. Martin. Eu sou cirurgião dentista.

Marcel Serano

PEQUENOS CONTOS DE FRANÇA



O Gendarme e o melão



— Eu roubei! — monologava elle. —
Eu, um representante da lei!...

E adiante, mais afflicto;

— Eu roubei, e mereço ser punido. Si, ao menos, pasasse por aqui um gendarme, que me conduzisse á prisão... Mas não vejo ninguém; nem a sombra de um collega!

Andou mais alguns metros, parando, nervoso:

— Um gendarme! Meu reino por um gendarme, contanto que elle me prenda!

A voz da consciencia não era, entretanto, a única que se fazia ouvir. Uma outra voz interior, gemia, tambem, pois que, enquanto Fleurdeboy supplicava que o mettessem na prisão, o melão, dentro, reclamava que o deixassem sahir da sua.

Nessa emergencia, Fleurdeboy tomou uma resolução grave: prendeu-se a si mesmo atraz de uma das moitas do caminho, e... soltou o melão.

G. Guy-Tong

das.

Minutos depois, riscando phosphoro sobre phosphoro, chegavam os dois ao grande salão de cimento que havia abaixo do nivel da rua, e que servia, apenas, de deposito de malas. E foi ahi que ficaram até o alvorecer, sentados sobre um colchão abandonado, marcando com um abraço de solidariedade no perigo cada bala vomitada pela formidavel fortaleza da praia.

Ao amanhecer, ficaram unidos ainda muito tempo, esperando novos tiros; e foi com verdadeira desolação que Dona Julietta partiu, horas depois, para Therezopolis, lamentando, intimamente, que a guarnição do forte não fôsse mais prodiga no consumo da munição.

Quatro mezes depois desse episodio, succedeu chegar, de novo, ao Rio, vinda de São Paulo,

aquella mesma Julietta de 4 de julho. E por uma coincidencia, chegou, exactamente, na ausencia da familia do notario, que não regressara, ainda, de Therezopolis. Acolhida como da primeira vez, teve, para dormir, o mesmo quarto, recolhendo-se o dr. Galdino, como de costume, ao dormitorio do casal.

As horas avançavam, e o bairro, inteiro, dormia, embalado pelo oceano. E o tabellião, como toda a gente, dormia tambem, quando ouviu, de vagarinho, umas pancadas na porta do quarto.

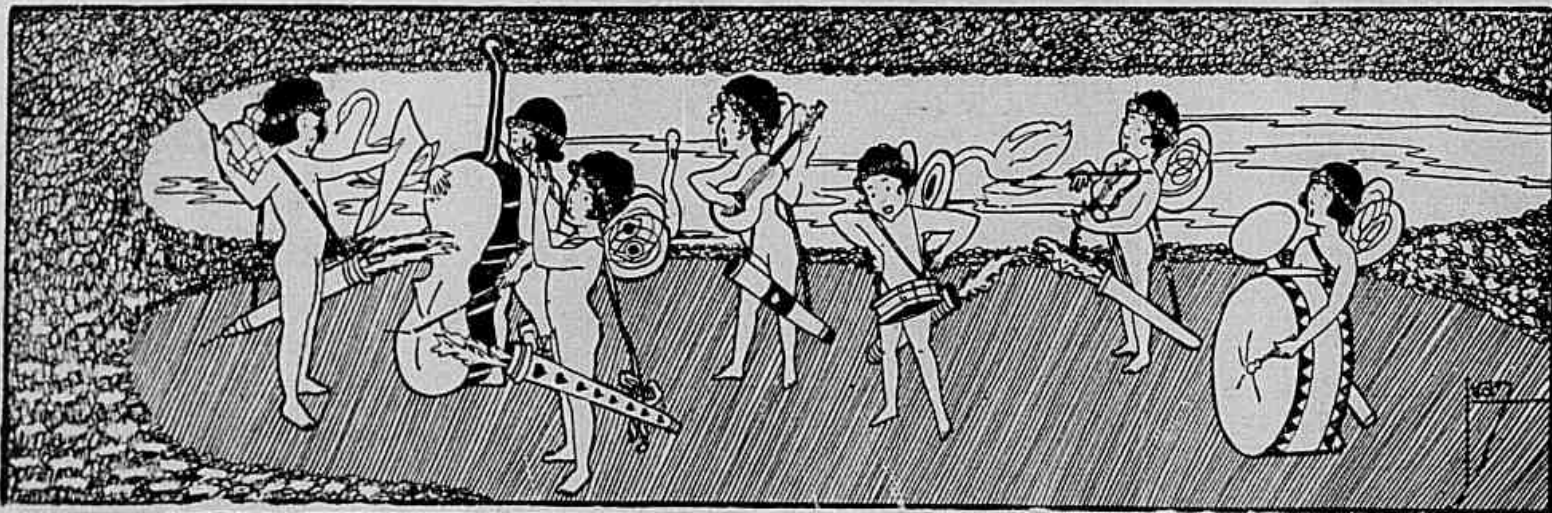
— Primo!... Primo!...

— Que é?... Quem é?... — indagou, assustado, o dono da casa.

E Julietta do lado de fóra, a voz muito branda, muito terna, muito dôce:

— A fortaleza hoje não se revoltou?

X. X.



FIGURAS PROMISSORIAS

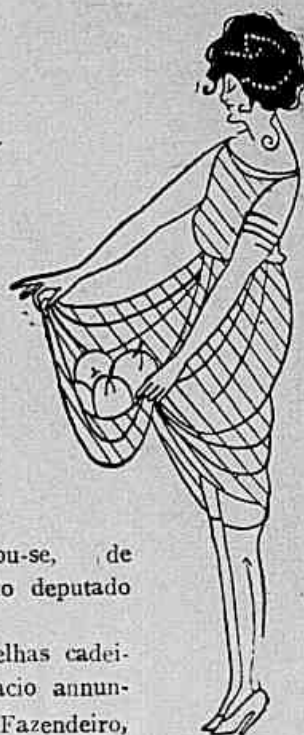
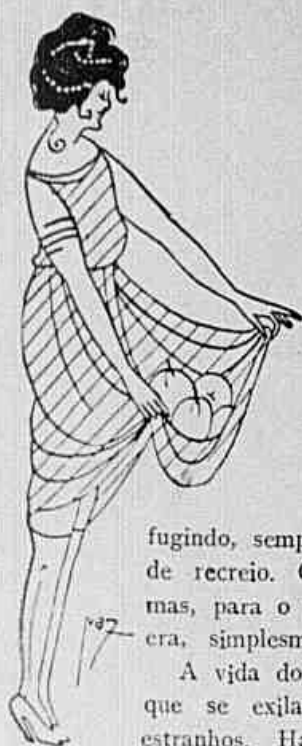
(HOMENS DE LETRAS)



VEIGA MIRANDA

FIGURAS PROMISSORIAS

VEIGA MIRANDA



O Collegio Macedo Soares, em São Paulo, reunia nas suas bancas a infância mais promissora do Estado e do sul de Minas, quando foi matriculado, alli, em 1894, um menino de rosto comprido e olhos esbugalhados, que acabava de chegar de Campanha para estudar humanidades. Andava pelos treze annos, e parecia ter dezeseite, ou dezoito. Era soturno por natureza, fugindo, sempre, ao contacto dos outros, mesmo nas horas de recreio. Chamava-se João Pedro da Veiga Miranda, mas, para o velho Macedo Soares, e para os professores, era, simplesmente, o Pedrinho.

A vida do meninote na capital paulista foi a de todos que se exilam do lar para viver, muito cedo, entre estranhos. Havia, apenas, uma differença: o director do estabelecimento, descobrindo no novo alumno qualidades apreciaveis, chamou-o para o meio dos seus, identificando-o com os proprios filhos e sentando-o, amigo, á mesa familiar. E tal foi essa amizade, essa estima, o caracter dessa distincção, que, terminado o curso, o venerando educador não admittiu as despedidas do discipulo.

— Não, — disse, — você não vae. Ficará no Collegio não como alumno, como estudante, mas como professor. Está nomeado.

E Veiga Miranda ficou. Lente do grande estabelecimento de educação, de que sahiram tres gerações de estadistas e homens de letras que fizeram a gloria e a prosperidade de São Paulo, continuou a ter, na casa, o seu quarto e o seu lugar á mesa. E foi com essa base na vida que se matriculou na Escola de Engenharia do Estado, fazendo um curso brilhantissimo e conquistando, entre o applauso dos mestres, o seu anel de engenheiro.

Convidado, como profissional, para uma divisão de terras em Ribeirão Preto, o primeiro cuidado do futuro ministro da Marinha foi dividir o coração. Ganhou dinheiro na medição dos terrenos, mas, em compensação, deixou alli uma parte da alma, que foi buscar, depois, com escala pela pretoria e pela egreja, casando-se com uma das moças mais ricas e mais distinctas daquella prospera região cafeeira.

A condição de fazendeiro não era, entretanto, das que mais tentassem o antigo discipulo do velho Macedo Soares. A tintura litteraria obtida no Collegio, havia se revellado já numa novella romantica, publicada em 1904, aos vinte e tres annos. E foi com saudades dessa estrêa quasi anonyma que voltou á bibliographia paulista, editando, em 1908, um livro de contos, e, em 1914, o seu primeiro romance, a que deu o nome suggestivo de — «Redempção».

Até então, a vida do futuro politico não era differente da de tantos outros, homens ricos e intelligentes, que prestam o seu culto á litteratura. Admirava as letras, mas sem o interesse que tem, por ella, os que a transformam em profissão. E foi quando se fundou, em São Paulo, a edição estadual do «Jornal do Commercio» do Rio, da qual lhe foi offerecida, inesperadamente, a direcção incondicional.

Atirado ao turbilhão do jornalismo, Veiga Miranda verificou, de subito, que tinha energias para mais. Escrevia chronicas, topicos, perfidias, artigos politicos e litterarios; e como ainda lhe sobrasse tempo, atirou-se á feitura de um novo romance, o «Mau olhar», dividido em folhetins, e cujas virtudes, em materia de «jettatura», principiam logo pelo proprio jornal a que era destinado, o qual rebentou as machinas no dia mesmo em que ia apparecer o primeiro capitulo.

Senhor de uma grande machina, especie de «tank» jornalístico, Veiga Miranda fêz a marchar, vagarosamente no rumo do governo es-

ta- dual. Altino Arantes levantou as mãos, pedindo condições.

— Uma cadeira de deputado estadual... para principiar! — impoz o novo Foch.

Eleito deputado, conservou Veiga Miranda, na Camara paulista, uma independencia surprehendente. Admirador do velho Pereira Barreto, lançou a sua candidatura á senatoria, á revellia do partido, que apresentava o conego Valois de Castro. Derrotado, juntou-se, de novo, a Altino Arantes, sendo, então, eleito deputado federal, na chapa do governo.

Vegetava o moço romancista entre as velhas cadeiras do Monroe, quando o presidente Epitacio annunciou a sua primeira viagem a São Paulo. Fazendeiro, interessava-se pela valorização do café; e foi com esse caracter que preparou um discurso formidavel, saudando o homem que ia beneficiar, com uma providencia financeira, os complicados interesses da classe.

Toda a gente ainda se lembra, com certeza, do que foi essa extraordinaria peça oratoria. Não houve adjectivo laudatorio que não viesse a furo, exaltando o presidente itinerante. Nervoso, pallido, o chefe do Estado ouvia tudo, sem pestanejar. E quando o orador terminou, foi com o beijo tremulo que o chefe da nação indagou, grave, a Alvaro de Carvalho:

— Diga-me uma cousa: que merece esse moço?

— Deve ser anniquilado, doutor! — informou este.

— Deve ser eliminado da politica?

— Não, senhor; peor.

E com a seriedade de quem conhece, um por um, os escolhos da vida publica:

— Faça-o ministro!

A vingança do presidente não se fez esperar: dias depois era Veiga Miranda convidado para a pasta da Marinhá, na qual, não obstante a sua intelligencia, a sua cultura e o seu bom senso, pagou, e bem caro, o desfôro de haver affrontado, em publico, a modestia do chefe da nação.

Com a mudança do governo, ficou o moço romancista, como tantos outros, desempregado. Fatigado de dois annos de actividade, de trabalhos, de cuidados, alugou, diz-se, um quarto mobiliado, onde repousa, durante o dia, das canseiras passadas. Segundo uns, voltará, em breve, á Camara, e, talvez, ao Senado. Segundo outros, é possivel que se reconcilie com as boas letras, que lhe foram sempre tão amigas, ou com a fazenda de Ribeirão Preto, que o fez millionario. O que é indispensavel, é que seja menos recatado, menos retrahido, menos timido.

— O mal do meu antecessor — dizia, ha dias, no seu gabinete, com a sua observação de velho lobo do mar o almirante Alexandrino; — o mal do meu antecessor foi a modestia, a mania de não apparecer nunca.

E juntava, com aquella franqueza tão sua:

— Elle era tão modesto, que até os contractos que fazia tinham sempre, a nota de — «reservado»!...



Rodin

A HOMENAGEM DOS CONTINENTES

As festas do Centenario, além de outras vantagens, tiveram,

como é sabido, a de reunir no Rio de Janeiro representantes de todos os povos da terra. Ingleses, francezes, japonezes, belgas, americanos, chinezes, argentinos, — de tudo tivemos nós, á sombra da nossa bandeira. E tão cordial foi a nossa hospitalidade, que as raças mais separadas pelos odios se estreitaram as mãos diante de nós, vivendo numa cordialidade que se poderia qualificar, talvez, de fraternal. Delegados houve, mesmo, que se tornaram intimos, bebendo juntos, em festas encantadoras, o vinho da alegria, passando, assim, noites breves, que permanecerão inolvidáveis.

Uma das reuniões mais interessantes que aqui se realizaram, foi, entretanto, aquella banquete do commandante Stanley, ao qual compareceram o capitão Okka, da marinha japoneza, o coronel Borges Mendes, brasileiro da gemma, e o dr. Pettersen, que viera da Australia estudar o problema das carnes frigorificadas. Eram quatro os convivas masculinos, mas havia «champagne» e iguarias para cincoenta, por estar presente á festa a encantadora Lili Meirelles, brasileira educada em Paris e que trouxera d'alli, assignalando-lhe o caracter, o cunho das maiores estroinices, — e por se achar na cosinha, dirigindo as panellas, o Nicolau, preto bahiano considerado, e justamente, o primeiro cosinheiro nacional.

Após o banquete, que foi regadissimo, e que se realizou na «garçonnière» provisoria do commodoro Stanley, começou a orgia, com uma variedade verdadeiramente internacional. Levantada por oito braços robustos, Lili Meirelles foi collocada, de pé, sobre a toalha da mesa, para o baptismo da «champagne». Quinze garrafas espoucaram, e o vinho espumante, derramado sobre a cabeça e nos hombros da raparigã, veio correr, embaixo, nos folhos do seu vestido, onde os convivas o apararam nas faças para um brinde pela fraternidade universal.

Dizer o que occorreu nessa festa cosmopolita, seria recapitular as pandegas de quatro povos diferentes. Um numero, entretanto, mereceu registro particular, pelo inesperado das suas consequencias.

Cabello nos olhos, fardas ensopadas

de vinho, os quatro officiaes riam, felizes, com o espirito de colleguismo sahido das garrafas, quando o coronel brasileiro teve uma idéa.

— Vamos curvar o mundo inteiro aos pés da mulher! Uma homenagem universal ao sexo fraco representado pela Lili!

— Very well! — applaudiu o inglez.

— Very well! — secundou o australiano.

E o japonéz.

— Aka-tommbo!

— Essa homenagem — tornou o coronel Borges — constará de um beijo na bocca da Lili. Cada um de nós representa uma das partes do mundo: o commandante Stanley a Europa, o dr. Pettersen, a Oceania, o capitão Okka, o continente asiático, e eu, a America!

Um «hurrah» de approvação reboou pela sala. E quando as vozes amorteceram, voltaram-se, todos. E' que, á porta, emmolurada pelo reposteiro escarlate, apparecia, como uma nodoa negra, a figura do Nicolau, que supplicava, com os olhos, muito brancos, cravados no coronel Borges:

— Patrão, e a Africa?

João Fortunato

O capitão Entrepasto

Aquelle conhecido official do Exército, professor de um grande estabelecimento militar, é não só um dos nossos soldados mais intelligentes, como um dos mundanos mais estimados nas altas rodas femininas. A sua reputação está ficando, entretanto, comprometidissima, com o appellido, que lhe puzeram, de «Capitão Entrepasto».

— De onde lhe vem esse appellido? — indagou alguém, a uma linda senhora das suas relações. E esta explicou:

— Fulano é, como sabe, admiradissimo pelas mulheres ricas, que lhe dão presentes de espelhos, de colchas, de lenços de seda, de lençoes, de almofadas, de vidros de perfumes. Admirador, porém, de varias senhoras pobres, vai offerecendo a estas, generoso, tudo o que recebe d'aquellas.

E rindo, com graça:

— E' um capitão «feira livre»!



DEVOTAMENTO

(IMITAÇÃO)

Madame. — Chegamos aqui na fazenda sabbado passado, pela manhã, eu e o patrão. E é de accordo com as suas ordens que passo a contar-lhe tudo que tem acontecido, desde dia até hoje.

Na manhã da nossa chegada, o patrão apresentou-me ao Lucio e á Manoela, os dois velhos que tomavam conta da casa, e disse-me, como havia dito á senhora, que só regressariamos terça-feira, no trem da tarde. Informada disso, corri á estação, passando-lhe o telegramma que deve ter recebido, de modo que a senhora pudesse passar aquelles dois dias com o dr. Alfredo, inteiramente des- preocupada de qualquer surpresa.

Desde, porém, que partimos d'ahi, eu notei que o patrão me olhava com certa impertinencia, analysando todos os meus movimentos. No dia da chegada aqui, á hora do jantar, chegou mesmo a achar-me bonita, mancirosa, elogiando muito a minha bocca, os meus olhos, os meus dentes. O impeto que eu tive, foi de repellil-o com um desafio; imaginei, porém, que isso redundaria em prejuizo da senhora, que, com o regresso d'elle, podia ser surpreendida nos braços do dr. Alfredo, e, como sou sua amiga, fiz que não ouvi, e fiquei. A' noite, estava eu já dormindo, quando escutei baterem na porta do meu quarto, que é vizinho ao do patrão. Fiquei alarmada, e, ao responder, verifiquei que era elle, que me pedia para abrir a porta. Recusei, allegando não estar vestida, e, como perguntasse o que elle deitava, respondeu-me, de dentro:

— Estou passando mal, Antonietta. Vae procurar um chá de folhas de laranja, e traze-m'o aqui.

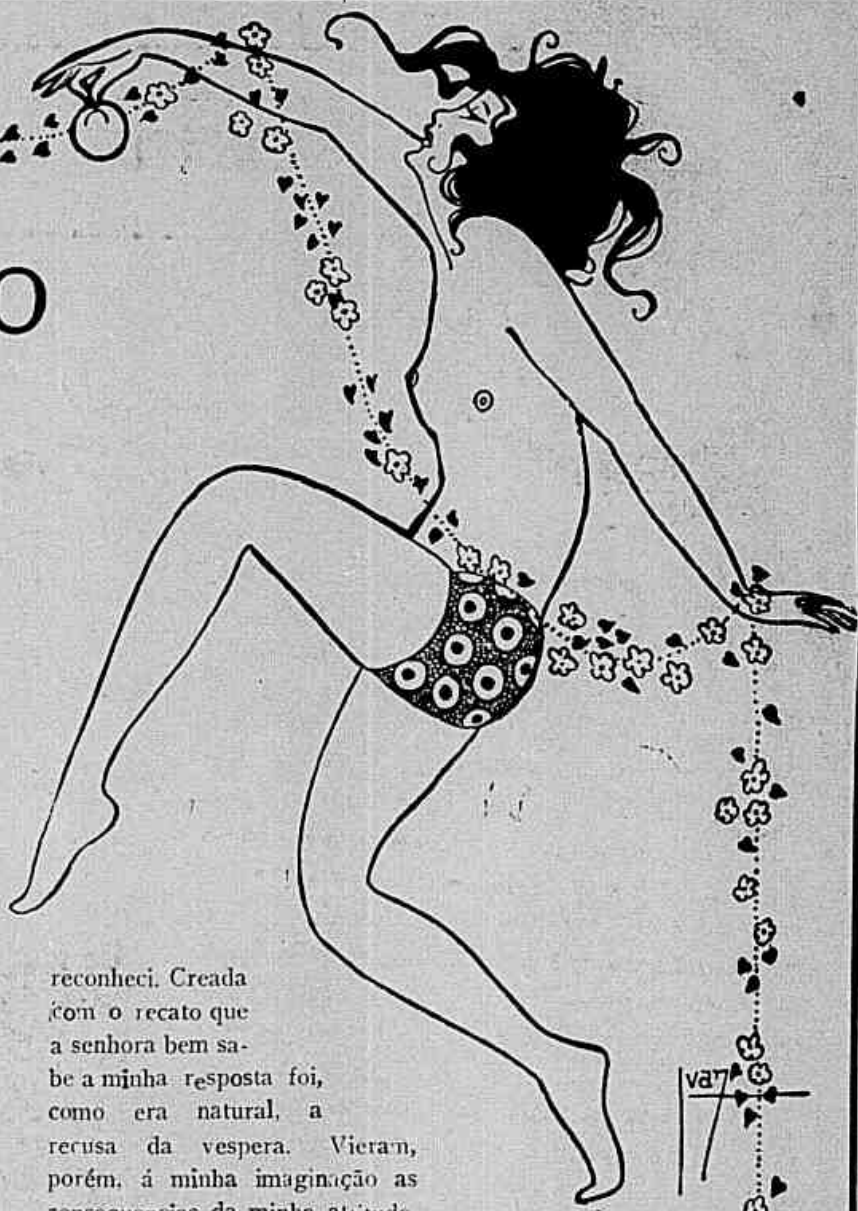
Ao voltar com o chá, o patrão mandou que eu entrasse no quarto, com o remédio; e ao me vêr perto da cama, segurou-me de tal modo os pulsos, que a chicara rolou, partindo-se ruidosamente no soalho. Ao ver-me livre, corri, logo, para fóra, deixando o patrão indignado contra mim, mordendo, nervoso, o travesseiro da cama.

Na noite seguinte, como eu tivesse ido á fazenda de Dona Corina levar os embrulhos que a senhora mandou, não o vi durante o dia. A' noite, porém, terminado o jantar, fui eu propria tirar a mesa, e encontrei-o de cara fechada para meu lado. Nunca o vi assim, a não ser nos dias que perdia no jogo. Dei-lhe as boas-noites, e não correspondeu. Comida a sobremesa, chamou-me, áspero:

— Antonietta, prepare as minhas malas, que voltaremos para o Rio amanhã, no trem das oito.

Essa noticia foi, para mim, fulminante, como um raio. O meu primeiro pensamento foi para a senhora, lembrando-me o que iria succeder, se o patrão chegasse de repente. Pensei em um telegramma urgente, avisando-a do nosso regresso. A'quella hora não havia, porém, conlução para a estação, de onde pudesse telegraphar-lhe. Mandar o Lucio, seria perigoso, porque elle é pessoa da confiança do patrão, a quem iria mostrar o meu telegramma. A' hora de recolher-me para dormir, estava inquieta como a senhora não imagina. E era nessa inquietação que eu me achava cerca de meia noite, quando bateram de novo na porta.

— Antonietta, abrel — dizia uma voz, que eu logo



reconheci. Creada com o recato que a senhora bem sabe a minha resposta foi, como era natural, a recusa da vespera. Vieram, porém, á minha imaginação as consequências da minha attitude. Vi o patrão chegando em casa sem a senhora ser avisada, e encontrando ali, em pyjama o dr. Alfredo. Vi o patrão arrancando do revolver, e a senhora cahindo ensanguentada, com uma bala no coração. E estremeci, horrorizada. Ser-me-ia licito porventura, causar tantos desgrasas podendo evitá-las? Era o que eu perguntava a mim mesmo, ao ouvir o patrão batendo na minha porta, e foi com esse pensamento, e na certeza de que me sacrificava pela senhora, que dei a volta na chave, para que o patrão entrasse no meu quarto.

No dia seguinte, pela manhã, á hora do café, o patrão chamou-me, dizendo-me:

— Antonietta, desarruma as malas. Nós não vamos mais hoje.

Ao ouvir essas palavras, respirei, alliviada. A senhora estava salva, e era o que eu queria.

Hontem, era dia de voltarmos, de accordo com o que havia dito. O regresso ficou, no entanto, aliado, para dia que ainda não foi escolhido. A senhora pôde, porém, ficar de cançada, bem assim o dr. Alfredo que eu irei retendo o patrão por aqui, o tempo que acharem conveniente. Não tenha cerimoniaes em dar-me as suas ordens nesse sentido, certa de que eu terei o maior prazer em sacrificar-me pela senhora.

Sua creada e humilde amiga

Antonietta.

Batu Allah

EXTRATO DE SROGUEIRA

do pharmaceutico-chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA
Grande depurativo do sangue—Para syphilis e suas
terríveis enfermidades.

USAE! USAE! USAE!



ARISTOCRACIA MUNDANA

MANOEL VILLABOIM

O paiz acabava de sair, fatigado e desiludido, da sua primeira agitação militar creada pelo novo regimen, quando a imprensa da Bahia proclamou vencedor, num torneio de cultura jurídica, o lacharel Manoel Pedro Villaboim, candidato, com varios outros, á cadeira de Direito Administrativo

da Faculdade de Direito do Estado. E prestava esclarecimentos, informando ter o novo professor nascido na capital bahiana, haver cursado o estabelecimento em que ia leccionar, e ter sido, como estudante, um dos mais estudiosos que por alli haviam passado.

Não obstante esse acolhimento, o jovem juriconsulto não queria permanecer na terra natal. E tanto fez, tanto agiu, que, mezes depois, conseguia uma permuta, a qual lhe permitia mudar-se para São Paulo, onde ia exercer, na Faculdade, a mesma cadeira que acabava de conquistar na Bahia.

Moço ainda, e originario de outro Estado, Manoel Villaboim foi recebido, naturalmente, com certa desconfiança. Inteligente e maneiroso, compreendeu, logo, a necessidade de adaptar-se ao meio, identificando-se com os alumnos. E o certo é que, dentro de um anno, havia se tornado, pelas maneiras, o professor mais querido da Faculdade, depois de Pedro Lessa e Herculano de Freitas.

Pacificados os estudantes, cuidou o moço bahiano de consolidar a sua vida economica, montando um escriptorio de advocacia. Duas ou tres causas importantes deram-lhe centenas de contos, com os quaes procurou, um dia, o velho Glycerio.

— Senador—disse-lhe,—eu tive, sempre, uma grande propensão para a politica. Preciso da sua mão o de seu conselho: admitta-me, como soldado, no Partido Republicano Federal.

A resposta do velho propagandista de Campinas foi um aperto de mão. E uma semana depois, iniciava o professor Villaboim a sua carreira politica, introduzindo no programma da sua cadeira um ponto especial, no qual se demonstrava a excellencia do governo republicano quando... presidido por Prudente de Moraes.

A sua admiração pelo Biriba não era, entretanto, incondicional. O seu chefe era Glycerio e tanto assim, que, quando se deu o rompimento entre Prudente de Moraes e o corajoso republicano campineiro, o seu lugar foi ao lado d'este, com um desassombro que ninguem esperava de um advogado tão habil, tão habituado á mudança das situações.

Eleito deputado federal, o seu nome, como conhecedor das cousas de Direito, ficou, logo, firmado. Representante da dissidencia, formou ao lado de Rodolpho Miranda por occasião da campanha heremista, após a qual tombou com uma paralyia verbal verdadeiramente espantosa, e de que resul-

tou a sua incorporação ao Santo Officio de São Paulo, no reinado de Sua Magestade Altino I.

Homem de espirito e de fino trato, Manoel Villaboim faz mais pelo seu partido, e pelo Estado, com as suas manieiras insinuantes, do que todos os oradores da bancada. Os seus adversarios, que são, sempre, invejosos dissimulados, asseguram que o illustre jurista fala pouco por ser escandalosamente gago, na tribuna. A verdade é, entretanto, outra: é que elle prefere catechisar o collega a um canto de sala, derramando-lhe pelo ouvido palavras doces, brandas, melodiosas, afinadas pelos galanteios com que faz sorrir as damas, ás vezes, na penumbra de um salão.

Manoel Villaboim é, realmente, como mundano, um dos mais authenticos representantes da classe. Romantico á maneira de 1830, procura sempre patentear a alma enamorada nas exterioridades da «toilette». E assim é que a sua figura, de uma distincção irreprehensivel, nos recorda, sempre, o saudoso Maciel Monteiro, de quem herdou o typo, o coração e, até, aquelas costeletas grisalhas, que lhe dão uns ares graves, e ao mesmo tempo sympathicos, de antigo ministro do Imperio.

Adorando a vida no que ella possui de encantador e de leve, tem, diz-se, duas paixões, que lhe enchem os dias: o «poker», em mesa de camaradas, e as saias das «damas»... do «poker». Leal no seu jogo, não olha, jamais o dinheiro que perde. Conta-se que tem desbaratado fortunas, para se distrahir.

— E' o parceiro elegante, por excellencia, — opinava, uma vez, o senador Azeredo. — Mesmo quando g' nha, sae perdendo!

Ornamento classico das rodas elegantes, está, sempre, onde ha mulheres bonitas.

— O Villaboim é a oitica da Avenida, — affirmou, um dia, com a sua acuidade de sertanejo, o deputado Costa Rego. — No sertão onde ha uma oitica, é signal de que existe agua por perto.

E esclareceu:

— O Villaboim é a oitica; as mulheres são a agua... em que elle mergulha a raiz!

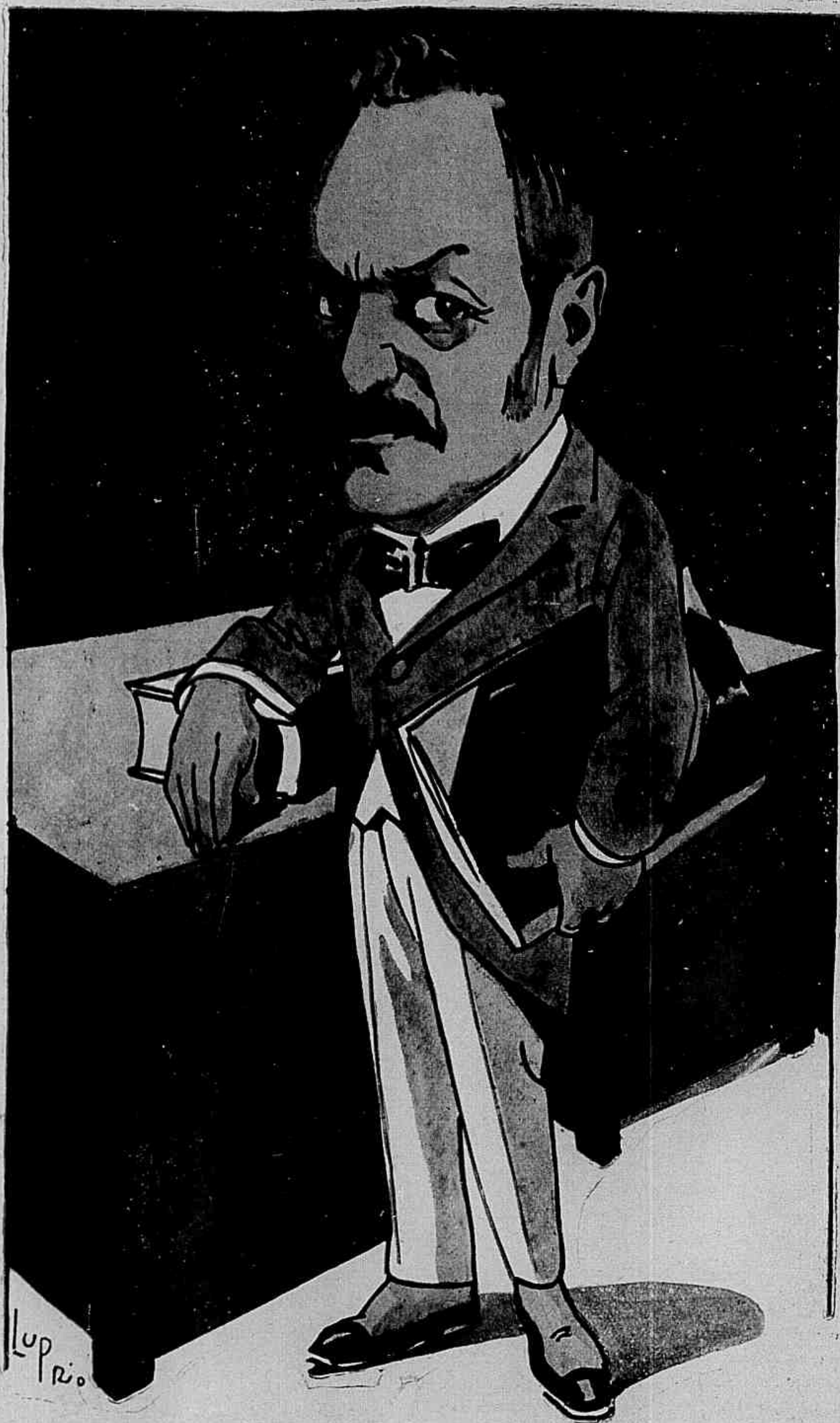
E é assim mesmo. Poucos homens são tão admirados, tão estimados, tão queridos pelas damas. E poucos tão discretos, tão reservados na manifestação do seu affecto.

Elle seria capaz de cortejar uma senhora, a vida inteira, sob os olhos vigiantes da Policia, e... a Policia não daria por issol...

Brummel



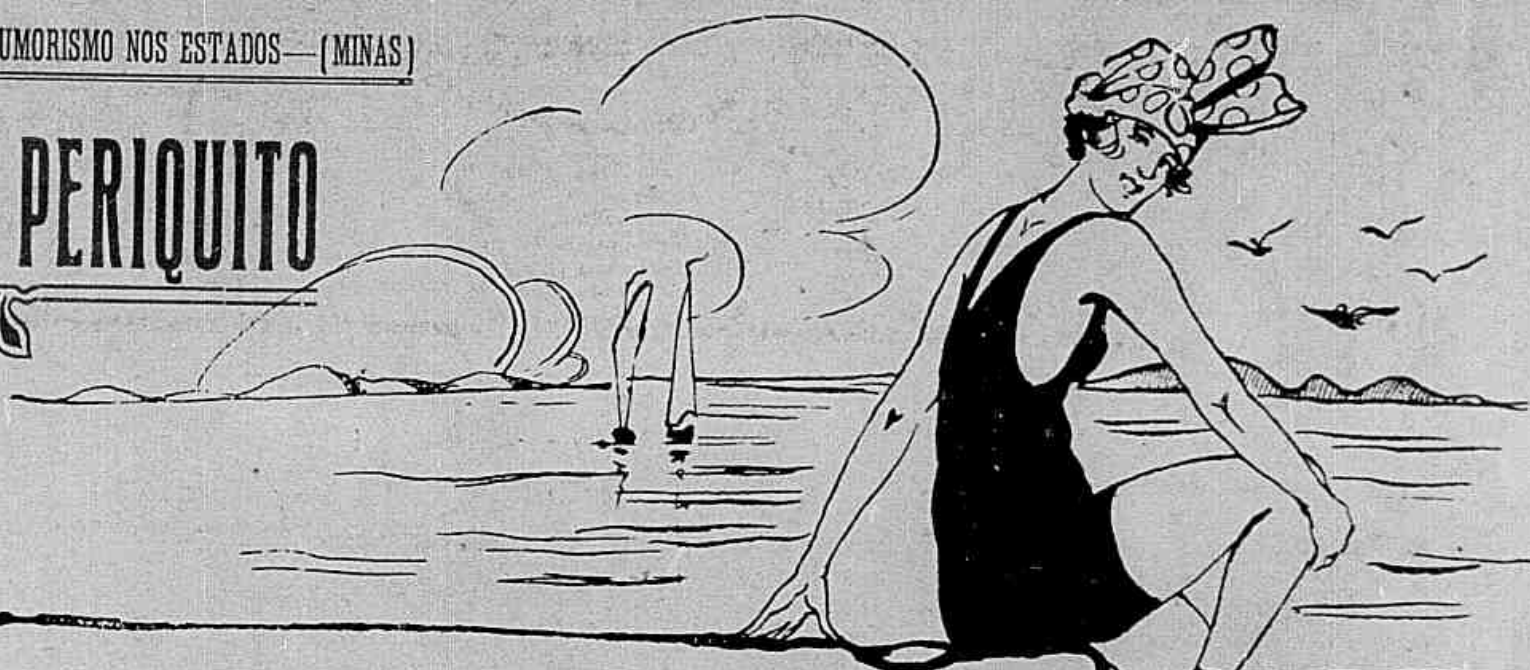
ARISTOCRACIA MUNDANA



MANOEL VILLABOIM

O HUMORISMO NOS ESTADOS—(MINAS)

O PERIQUITO



É uma pequena historia que só os paes podem comprehender. Ah! vae ella.

Um mez ainda não faz que meu filho me appareceu em casa com um periquito verde como uma folha tenra e pequenino que cabia numa mão fechada.

Prendeu-o numa correntinha de ferro e preparou-lhe um poleirinho tosco, atando-lhe ao lado um copozinho com agua e um cochozinho de alpiste, feito de uma caixa de phosphoros vazia.

Esqueceu todos os seus divertimentos antigos e as horas vagas do collegio passava-a' ao pé do periquito amado.

De momento a momento, vinha para ver um novo encanto do passaro preso. Ora, era para apreciar como elle bebia agua, levantando a cabecinha redonda como um botão de rosa; ora, era para vel-o comer e ora para admirar-lhe a faceirice com que se firmava n'um pé só, por longo tempo. E todo o immenso mundo de meu filho se circumscrevia naquelle espaço de um palmo — que mais não, tinha o poleirinho tosco, sobre o qual passava os dias e as noites o faceiro periquito...

Chega a Semana Santa e minha familia resolve passal'a fóra. Communicámos ao José a nossa resolução e elle respondeu-nos: Vou, mas levo o periquito. Fiz-lhe ver que eu ficava e, assim, nada aconteceria a seu grande amiguinho.

Cedeu, mas antes de partir e de m'o recommendar muito, ensinou-me como deveria eu tratal-o, mudando-lhe a agua e o alpiste duas vezes por dia e não deixando nunca de examinar a correntinha, porque elle se embaracava, ás vezes. Prometti-lhe tudo.

Da estação ainda me mandou um recado pelo portador das malas: Cuidado com o periquito!

Cinco dias depois lá fui eu, e, ao desembarque, perguntou-me logo como ia a sua avezinha.

Regressei antes delle, e as mesmas recommendações enchram-me os ouvidos. O trem partiu e da plataforma gritava-me que olhasse o passarinho.

Aqui, as occupações do cargo absorveram-me de todo o tempo e poucas vezes pude lembrar-me do pequeno prisioneiro verde.

Chegou, enfim, o dia do regresso de José. Vim mais cedo para casa, e uma hora antes da chegada lembrei-me do periquito.

Tinha fugido naquella manhã. Fiquei pasmado. Quiz ver se obtinha um outro, mas não me era possível, pela exiguidade do tempo. Inventei uma mentira.

Mal desceu do carro e eu disse-lhe:

— Uma novidade, José, emprestei teu periquito hoje para ganhar dois amanhã.

— A quem?

— Um menino da rua Halfeld.

— Aquelle que veio aqui trazer uns livros?

Quiz diz, r-lh, que era esse, mas titubiei e respondi-lhe:

— Não. A um outro. É muito bom e muito sério.

— Ora, papae! Para que o senhor emprestou? Elle não trata do periquito e, depois, porque não lhe pediu que me esperasse chegar?...

Esta resposta tão sensata e dita assim num tom lacrimoso, esmagou-me d'véras.

Disfarcei, como que muito preocupado com os arranjos de uns papeis, e elle começou a andar pela casa sorumbático. Depois chegou á porta da rua e desceu até á calçada. Dez minutos não haviam passado quando o sjato entrou correndo. Procurou-me e disse-me:

— Para que mentiu? O periquito fugiu, e tanto que eu lhe preveni...

— Fugiu, sim, meu filho, mas...

Não ouviu o resto da phrase: partiu chorando.

Os amigos vizinhos, que sabiam do caso, contaram-lhe tudo.

Quiz procural-o para prometter-lhe outro passaro, mas não tive coragem.

Senti-me sem forças para levantar-me (Cont. em "Canhe-nho de Rivarol")

1170
922



ANTHOLOGIA GALANTE

TENTAÇÃO

(Página d' "O FEITICEIRO")

O escripturario, meio amornado, deixou-se estar sentado debaixo da mangueira, a acompanhar em silencio a aragem do peito farto de Pomba. Ella recostada ao collo da raiz, tirava do cabello com um gesto indolente dos braços pallidos, nus até os cotovellos, os foliolos e florilhas alouradas que cahiam lenta e incessantemente da fronde chiroa. Os quadris e as pernas trançadas, repuxando o panno do vestido, pesavam-lhe em preguiçosa immobildade sobre uma cama de folhas murchas. Nessa attitude, modelada em vivo relevo da cintura aos tornozelos, Pomba evocava uma erotica fantasia de harem, a primeira scena de um acto sexual, entre vapores aromaticos de especiaria excitante, sobre os divans e tapetes dos templos consagrados á Venus turca.

O olhar embaciado de Salustiano abysmava-se naquellas fórmas como que adormecidas numa inercia palpitante.

Na calma da hora tepida, ao zumbir dos insectos e ao grito de chamamento de um ou outro sabiá, enquanto o sol fazia estalejar as folhas e os casulos de sementes das hervas, elle tinha uma visão allucinadora, tão real que a comparava e a achava semelhante á nudez quente, suavemente tostada de uma cigana que lhe lera em casa a «buena-dicha».

Nem um nem outro boquejava.

Nisso fez a costureira um movimento languido de quem se estre-

munha. Encolheu uma perna e deixou a outra estirada, solida, espessa, afusada, vestida de meia côr de carne, justa até o joelho. Salustiano sahio do seu logar e abaixou-se-lhe ao lado. Passou a mão pela meia, estremeceu e viu nos olhos chimericos da favorita um sorriso e um symptoma de embriaguez. Se ella fosse a turca, diria ter fumado haschich... Um sonho de volupia se reflectia nos pingos negros das pupillas de Pomba; seu cabello cheirava a cravo da India; os labios entreabertos parados naquelle sorriso provocador, quasi cynico, elle os sentiu aquecidos, ardentes como se ella acabasse de mascar gengibre.

Voices na estrada, á distancia, denunciaram os roceiros que voltavam da cidade com os cassuás vãos.

— Onde está Laly? perguntou a costureira, de pé, a sacudir os gravetos e folhas miudas que lhe haviam adherido ao cotão da saia.

— Vi-a descer por alli, para a fonte...

O escripturario ainda quiz partir com ella pelo matto até a gamelleira. E segurou-lhe a mão.

— Não, não...

Resistindo, Pomba alisava o cabello e ria-se como as creanças surprehendidas em travessura por paes indulgentes. Elle, sentindo a aproximação do casal e de Eulalia, entrou sósinho por umas moitas de jurubeba, e desapareceu...

Xavier Marques



PAGINAS INESQUECIVEIS

(DOS MESTRES)

EPISODIO DE VIAGEM



Depois de esmagarmos as saudades num vigoroso aperto de mão, sentei-me ao lado de dona Henriqueta e pedi-lhe que me desse noticias da sua pessoa.

A minha espirituosa amiga fez-me a longa nomenclatura das cidades, villas, povoações e fazendas do Estado do Rio por onde andára em estradas de ferro, a cavallo, em canôa, e trolly e cadeirinha, passando aqui dous dias, quatro ali, seis acolá, sempre em movimento, viajando sempre.

— Deve ter muitos episodios interessantes para contar-me.

— Nem por isso. O senhor bem sabe que a vida da roça é de uma monotonia terrivel. As paisagens assemelham-se e em toda a parte o viajante encontra as mesmas physionomias.

— Mas é impossivel que não traga ao menos uma historia.

— O episodio mais engraçado da minha viagem é daquelles que o senhor não pôde aproveitar.

— Porque?

— Porque... não é coisa que se conta.

— Ora deixe-se dissol. Tudo se conta; o caso é saber contar...

— Dou-lhe um doce se fór capaz de escrever o que nos succedeu em Maricá, a meu marido e a mim.

— Vejamos.

— Ora ouça.

E a minha espirituosa amiga dona Henriqueta contou-me o seguinte:

Quatro dias depois que partiramos da Capital Federal, estavam, eu e meu marido, no Baldeador, um lugar saudavel e aprazivel, a duas leguas de Nictheroy.

Era um sabbado.

Disseram-nos que no dia seguinte haveria uma grande festa em Maricá, a romaria de Nossa Senhora do Amparo, e logo resolvemos lá ir ficar aquella noite, tendo previamente o cuidado de perguntar se havia hotel na localidade.

— Um magnifico hotel, informaram-nos.

Fomos á estação do Rio do Ouro e tomámos o trem; á noitinha estavam em Maricá.

Immediatamente nos dirigimos ao hotel, de que era proprietario um allemão chamado Fritz.

Imagine qual foi a nossa contrariedade ao saber que não havia um quarto desoccupado. A festa attrahira gente de toda a parte. Tinham vindoromeiros de São Gonçalo, do Rio-Bonito, de Capivary, de Itaborahy e até do Cabo Frio. Tres hospedarjas que houvesse ficariam cheias.

Entretanto, meu marido tanto se lamentou e com tanta eloquencia expoz a nossa penosa situação, que o allemão deixou-se enternecer e improvisou uma cama num quatinho destinado á arre-

cação de objectos imprestaveis. Levantámos as mãos para o céo.

Já estavam deitados, quando meu marido sentiu necessidade de alguma coisa e espiou para baixo da cama, a ver se o hoteleiro se lembrára de que a natureza tem ex-gencias indeclinaveis. Não havia nada em baixo da cama, e isso bastou para que a vontade augmentasse...

E tanto augmentou que meu marido bateu palmas.

O allemão correu pressuroso.

— O' seu Fritz, você esqueceu-se do principal!

— De que? perguntou o ho eleiro muito admirado.

Meu marido disse-lhe qualquer coisa ao ouvido.

— E' impossivel! respondeu o allemão. Não ha mais nem um!

— Que diabo!

— Mas esperel! accrescentou elle, batendo na testa.

E desapareceu, voltando logo em seguida com uma garrafa vasia, — uma garrafa grande e bojudá.

— Tenha paciencia. E' o mais que lhe posso arranjar.

— Serve, disse meu marido.

E serviu, realmente. Dahi a alguns segundos elle deitava-se contente e alliviado.

Eu deixei passar algum

tempo, e disse-lhe:

— Tu és muito egoista.

— Egoista? Porque?

— Não te lembraste de mim.

— Ah! tu tambem...?

— Tu podes arranjar-te perfeitamente com uma garrafa; mas eu?

— E' verdade... tu não podes...

— E levantando-se da cama:

— Seu Fritz! seu Fritz!

Veiu o allemão.

— Não tenho palavras para agradecer-lhe bastante e ter-me proporcionado aquella garrafa... mas minha mulher tambem... e você comprehende que...

— Tem razão, disse o hoteleiro.

E desapareceu...

Dahi a pouco voltou, trazendo-nos... um funil.

Arthur Azevedo





Canhenho de Rivarol

O casamento na Australia

«Como, entre os australianos, a etiqueta, de termine que o homem procure esposa em tribu estrangeira, aquelle que deseja adquirir uma companheira ou, antes, uma escrava, parte secretamente de noite, acompanhado de uma escolta de camaradas. Chegado ao lugar onde reside a escolhida, cahem todos sobre os paes e os irmãos desta, de armas na mão, ao mesmo tempo que o candidato arrasta a moça para o matto, applicando-lhe violentas bordoadas. Reunidos todos de novo, celebra-se uma cerimonia ligeira á sombra de qualquer arvore. Não é raro, entretanto, que a noiva não chegue até ahi, fallecendo em caminho sob as bordoadas do futuro marido.» — *Dictionaire de l'amour*, p. 95.

Mahomet e a adultera

«Aquelle que rouba um carneiro ou um vestido do seu visinho, póde restituir-lhe um vestido ou um carneiro. Mas aquelle que romper os liames sagrados do casamento alheio, não os poderá reatar. Por isso, é preciso mafalo; e esse que morre, soffrerá menos, anida assim, do que aquelle que sobrevive á sua deshonra.» — *Mahomet, Koran*.



Si todos os maridos enganados e as mulheres que os enganam se dessem as mãos, e formassem um circulo, eu estou certo de que este seria sufficientemente grande para fazer a volta da Terra. — *Brantôme*

Os beijos entre os romanos

Os romanos tinham trez vocabulos para designar o beijo: «osculum», «basium», «suavium». O primeiro destes correspondia ao que nós chamamos hoje beijo de amizade; o segundo, mais terno, era o beijo dos paes e dos esposos. «Suavium» era o beijo dos amantes. Esta distincção era entretanto, apparente, principa'mente em poesia, em que os termos eram tomados um por outro.

Em França, os escolasticos distinguiram seis especies de beijo: beijo de amizade, de amor e de affeição honesta, de respeito, de paz, de trahição e de deboche. Não ha entretanto mais que uma palavra para os designar a todos. — *Guyau*.

A idade das mulheres

«Para saber a idade de uma mulher, é preciso perguntar-lhe e, depois, á sua melhor amiga. Ella dirá trinta annos. A amiga quarenta. Tire-se a media, e obter-se-ha a verdade. — *Arsene Houssaye*.

Final do Humorismo nos Estados

e parece que um grande remorso me tomou todo nas suas garras poderosas.

Já era alta noite e todos dormiam, quando ouço chamar-me.

— Que é, José?

— Elle fugiu com a correntinha?

— Foi, mas a correntinha não valia nada. Era de ferro, meu filho...

— E' por ser de ferro que eu falo. E' porque elle com ella vae morrer de fome e de sede, embaraçado.

E os soluços recommencaram tão angustiosos, que eu... (oh! paes que tendes filhos, perdoae!) que eu não me pude conter e... chorei tambem o periquito fugitivo...

Belmiro Braga

SYPHILIS? SÓ LUETYL

Licor — Capsula — Injecções

Casos de Consultorio

A VIDA

— Para que serve a vida? — é essa a interrogação que nos fazemos, a nós mesmos, nos momentos de meditação.

E a resposta, cada um de nós a dá, conforme aquillo que mais aprecia no mundo.

— Para jogar! — affirma o jogador.

— Para beber! — informa o bebedor.

— Para ganhar dinheiro! — responde o usurário.

E o galanteador:

— Para conquistar as mulheres!

A vida deve ter, de facto, uma finalidade, um objectivo, um motivo, que a justifique. Viver por viver, é a maior tolice que o homem poderia praticar sobre a terra. E era isso mesmo que o sr. professor Austregésilo deixava patente, naquelle episodio, tão famoso, da sua clinica.

Estava o eminente neurologista, certo dia, no seu consultorio da rua Uruguayana, quando parou deante do porteiro, pe lindo um cartão de consulta, um homem alto, magro, bigode á american, e orçando pelos cincoenta annos. O rosto, cheio de rugas, dava a perceber uma vida cansada, um passado de trabalhos, de luctas, de sofrimentos. A bocca, cerrada sob o bigode, parecia prompta, sempre, para um gemido, senão para uma praga, malizendo o destino.

Adquirido o cartão, enrou o homem para a sala de espera e sentou-se. Em torno, outros cavalheiros, e varias senhoras, aguardavam a sua vez, resignados. Era elle, entretanto, o unico a demonstrar aborrecimento pela demora, como se tivesse chegado primeiro.

Um a um, fóram entrando os deentes, para o gabinete de consultas, até que chegou a vez do infeliz: •

— Antonio da Rocha Pacheco... E' o senhor? — indagou o porteiro, suspendendo,

para a passagem, um pesado reposteiro cinzento.

Sem uma palavra, o cliente enfiou para o Gabinete contiguo, e, em dois minutos, estava diante do grande clinico da Academia, que foi, logo, indagando:

— Afinal, que é que o senhor tem?

— Eu, doutor? Não sei; mas quero que o senhor me diga uma cousa, com franqueza.

— Que era?

— Eu queria que o senhor me dissesse se eu chegarei aos cem annos.

— O senhor? Que idade tem?

— Cincoenta e dois.

— O senhor fuma?

— Não senhor.

— Bebe?

— Ainda menos.

— Joga?

— Também não.

— Gosta das mulheres?

— Não, senhor.

Austregésilo poz-se de p., as mãos nos bolsos.

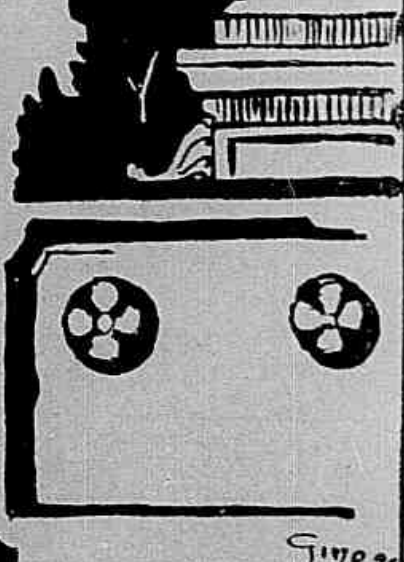
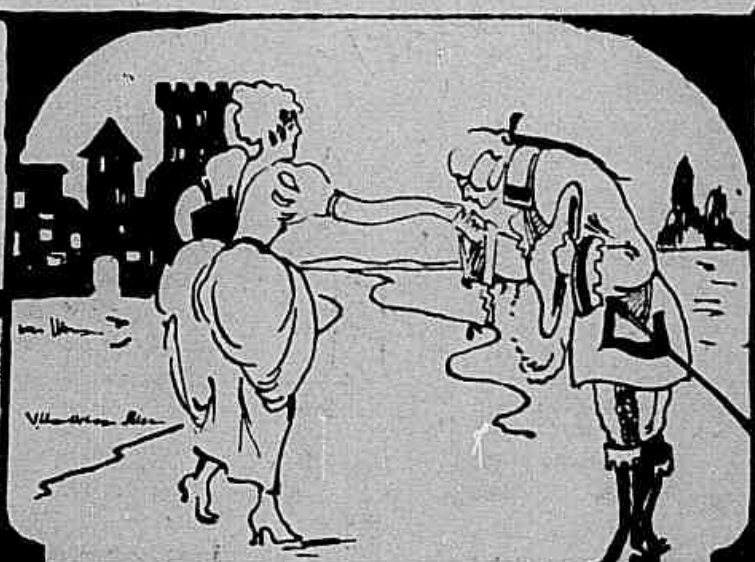
— Então o senhor não joga, não bebe, não fuma, não gosta de mulheres, não tem vícios.

— Perfeitamente, doutor.

Um riso de escarnio, de zombaria e, ao mesmo tempo, de indignação, franziu a bocca do medico. E foi com esse ris, de ironia que elle, voltando-se para o infeliz, fulminou-o, as mãos abertas:

— Para que é, então, desgraçadamente, que tu queres viver cem annos? Para que é? O doente morreu, do susto.

Charcot & Pasteur.



PAGINA DOS PSYCHOLOGOS

ASTUCIA DE MULHER

(Da «Psychologia feminina»)

Quem falasse com ella via-se como se estivesse defronte de um espelho que o fizesse mais bonito, melhor, mais sympathico. Depois de lhe termo falado seniamo-nos mais satisfeitos connosco, como se a sua bondade e os seus attractivos ficassem sendo coiza nossas e assim, como se sorria sempre, todos quantos saham de ao pé d'ella traziam no rosto um sorriso de alegria que durava muito tempo.

Ainda nova, teve muitos aspirantes á sua mão e por conselho da mãe, que a adorava, não escolheu o mais bonito, mas sim o mais rico e o mais serio, que julgou encontrar n'ella uma grande bondade. Casou-se antes de saber o que era o amor e ignorou-o por muitos annos, fiel ao marido a quem a unia uma viva gratidão por tê-la enriquecido, e uma dedicação cheia de ternura por tê-la feito mãe de dois filhos, um menino e uma menina. Quando esta já era crescida, um marquez, grande conquistador de mulheres e que tinha tido centos de aventuras por ser um homem perfeito e pelo seu espirito mephistophelico, apaixonou-se doidamente pela nossa dama.

Aquelle marquez tinha viajado muitissimo, possuir a as mais voluptuosas andaluzas e enrára nos thalamos mais disputados das lours lalis do Strand; conhecera as orgias parisienses e não desprezara os rusticos abraços das camponesas da Suissa; n'uma palavra, podia dizer que tinha conhecido o fundo da flora do mundo feminino. Mas nunca encontrára uma mulher que de tal modo reunisse todas as sympathias, todos os sorrisos, todos os attractivos do seu sexo. Conheceu que tinha desejado e gosado muito, mas que nunca tinha amado, e viu que pela primeira vez amava e pela primeira vez tambem comprehendia os abysmos do amor. E lançou-se n'elle com todos os sentidos, com toda a força de uma paixão que, apesar de estar tão cansado dos prazeres faceis, era para elle virgem e nova.

Esse amor foi correspondido. Tambem ella amava pela primeira vez e sem perguntar a si mesmo se era peccado ou delicto, abandonou-se áquelle amor sem remorsos e sem receios. Apesar de ser mulher e mãe, estava virgem do amor e nenhuma mulher pôde morrer sem ter amado.

Não teve precisão de mudar de sentimentos para com o marido. Para elle era a mesma gratidão, a mesma dedicação, a mesma amizade; para o mar-

quez todo o seu amor, toda a essencia da sua alma.

No amante a posse não pudera apagar a unica chamma, porque esse amor não tinha nascido do desejo sensual, mas da admiração por um sorriso divino, no culto de uma mulher que era a encarnação de todas as sympathias, de todas as formosuras da idéa e do sentimento.

E era por isto que quando, estavam sós, nunca se sentavam ao pé do outro e muito menos se abraçavam; elle estava de joelhos aos pés d'ella e olhava-a apaixonadamente, enquanto ella lhe brincava com os cabellos.

Um dia em que estavam assim, ouviram-se passos no aposento proximo, e quando julgavam que o marido estava longe d'alli, elle entrou em casa e ambos lhe conheceram os passos.

O marquez quiz levantar-se de um salto; ella, porém, disse-lhe em tom imperioso:

— Não te mexas, deixa-me salvar-te.

Entrou o marido e ella, vendo que apesar do que lhe dissera, o marquez fazia todos os esforços para se livrar d'ella, que o conservava de joelhos á força, repetiu:

— Não se mexa, meu caro marquez... Sabes, meu maridinho, o que o nosso marquez estava fazendo agora?

O marido, attonito, não respondia.

— Estava supplicando que lhe concedessemos a mão da nossa filha. Que dizes a isso, meu marido?

O marido acreditou e ficou muito satisfeito por fazer da filha uma marquez e a mãe teve a honestidade bastante para acabar todas as relações amorosas com o marquez.

Este encontrando na filha a virgindade e as muitas virtudes da mãe, foi feliz e deu ao mundo alguns marquezinhos.

Paulo Mantegazza



HOMURISTAS ESTRANGEIROS

LUCRECIA

I

— Eu tenho o presentimento, minha filha, de que teu marido voltará antes do tempo.

— Estás, doido, Julião! Eu examinei, eu própria, o horário dos trens, e vi que elle não chegará antes de amanhã, de manhã.

— Lucrecia, deixa-me ir embora; sim? Estou com receio.

— E' que tu não me amas, como dizes! — exclamou a moça, lançando ao amante um olhar de censura e, ao mesmo tempo, de resentimento.

Julião tinha vinte e dois annos, e nessa idade, sempre se tem a resposta opportuna. Que elle não o amava? Dava-lhe a prova em contrario. Até duas provas, em vez de uma, e em menos tempo do que o que leva um advogado o condemnar um innocente.

— Agora, deixa-me ir!

Suppondo, porém, que ainda lhe restavam argumentos para outra resposta, a moça teimou:

— Não, Julião; não! tu não sahirás d'aqui antes de amanhecer. Ao cantar do gallo... Sim?

— Acreditas que teu marido se faria annunciar pelo gallinheiro?

Vendo a disposição em que estava o rapaz, Lucrecia pulou do leito, juntou apressadamente toda a roupa que elle havia deixado sobre a cadeira, e, num impulso, atirou tudo pela janella.

— Agora, vae-te! — disse. — Anda, veste-te. Vae buscar tua roupa, enquanto é dia, e toda a gente te poderá ver andando nua, pela rua.

Julião resignou-se. E tanto se conformou com a eloquencia daquelle gesto, que a incerta claridade do crepusculo cedeu o lugar ás sombras da noite sem que elle houvesse, ainda, calçado a primeira botina.

II

Quanto andava Julião acertado ao temer o inesperado regresso daquelle maldito sr. Pigelevent, a quem trahia na sua propria casa! O homem chegou, e o barulho que fez ao metter a chave na fechadura provocou logo um terror desmedido na imprudente Lucrecia e no pobre Julião, que exclamou, tremendo.

— Meu Deus! E a minha roupa, que está no jardim!...

O rapaz teve apenas tempo de esconder-se no quarto contiguo, enquanto o marido fazia a sua entrada solemne na alcova conjugal. E o infeliz

Julião teve de ouvir, e tudo, do seu esconderijo, aquellas caricias de regresso, percebendo, embora, a indifferença com que Lucrecia accedia aos desejos do marido. A viagem havia aberto o appetite das ternuras do sr. Pigelevent, e este come opiparamente, e deliciado, as sobras do banquete interrompido.

Aproveitando aquelle momento de repouso entre o jantar e a sobremesa, Julião resolveu escapar-se d'alli a toda pressa, uma vez que o quarto onde se encontrava tinha portas. O unico inconveniente era achar-se completamente despido, traje pouco correcto, evidentemente, para passear pela rua, embora de noite.

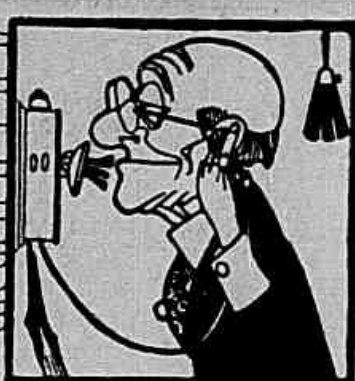
Conhecendo perfeitamente a casa, lembrou-se de um detalhe, e considerou-se salvo. Naquelle quarto havia um guarda-roupas, em que Lucrecia guardava as suas toilettes de rua. Tinha a mesma estatura da moça, e, em um abrir e fechar de olhos, enfiou um dos vestidos que achou mais á mão, cobriu a cabeça com um gorriço da moça, sem esquecer o véo, para occultar melhor o rosto. Certo de que, por ser noite fechada, não encontraria ninguem pelo caminho, desceu a escada descalço, — pois lhe havia sido impossivel calçar um dos sapatinhos de Lucrecia, — e ganhou a rua.

Esta se achava, porém, menos deserta do que Julião esperava, pois que a maior parte dos vizinhos estava á janella, tomando fresco. E como não houvesse ninguem que não reconhecesse, logo, pelo vestido e pelo gorriço, a sra. Pigelevent, a presença da moça na rua, sosinha, a taes horas, foi, logo, commentada. Alguns atrevidos, ignorando que o sr. Pigelevent já havia voltado da viagem, sahiram-lhe no encalço, pisando nos calcanhares da falsa Lucrecia, pronunciando ao seu ouvido palavras que submettiam a rude prova o pudor natural de Julião, o qual procurou apressar o passo, para fugir áquella chuva de galanteadores insolentes. Entre todos havia, porém, um, chamado Thomaz, que pretendeu levar a sua audacia mais longe, passando a mão, cariciosa, pelas costas da moça. Julião era, no entanto, um jovem de bons costumes, e não se conteve: deu, no persiguidor, tamanha bofetada, que o atirou, rodando, a varios passos de distancia. Aproveitando, em seguida, a surpresa geral produzida pelo caso, suspendeu



ESTRELLINHAS & ESTRELLÕES





"POTINS"

idade parisiense

regresso da Europa, onde se inteirou de todas as novidades galantes que a guerra suggeriu, madame a em um grupo de amigas:

O «chic», agora, em Paris, é a gente mandar no corpo o retrato da creatura que se quer bem, obriga, de algum modo, á fidelidade, porque como sabem, a tatuagem não se nuca.

— E você trouxe de lá algum retrato no corpo? —

— Não trouxe, mas tenho um das ouvidas.

— Madame sorriu, perversa.

— Eu? — indagou, batendo no peito. — Miniaturas as.

— Leviana, rindo:

— Não, vocês comprehendem, o album... não a!

a de confusões!

Naquelle jovem e sumptuoso capitalista, regresado da Europa, era sempre recebido com aquella casinha de Copacabana, em que o marido era tão bonito como a mulher. Uma d'estas tardes, madame o recebeu em pyjama de seda, cabelos de ouro presos no alto, e escondidos por um bonnet de «jockey».

— Não te quero assim, — protestou o visitante, indignado. — Nada de confusões.

— Espando o chapéu na chapeleira:

— A não ser que o teu marido passe a usar calças e deixe crescer o cabelo!

A lembrança é, porém, inequivél. O marido de madame é... careca!

Viagem de bonde

Na Galeria Cruzeiro, cinco horas da tarde. O bonde do Largo dos Leões vinha cheio, tendo apenas um banco em que havia quatro pessoas, e na extremidade do qual, do lado da entrada, se sentava aquella sympathica senhorita de trinta annos, cuja vida é cercada de certo misterio. No alpendre da Galeria, o velho senador toma o carro, na ponta do banco, completando a lotação. Na rua Senador Dantas, porém, começou a chegar-se para a sua vizinha. Esta afastou-se. Elle chegou mais. Ella encolheu-se. E a lota continuava n'esta pe, quando na Lapa, um rapazola tomou o bonde, sentando-se no canto do banco, que o senador, na avançada, ia deixando vazio.

— Perdão, cavalheiro, — protestou o velho parlamentar; — mas este banco já tem cinco pessoas!

O passageiro olhou, e sorriu. O ancião havia apertado, já, por tal forma, os outros occupantes, afim de se encostar á moça, que já só occupavam, os cinco, a metade do banco!

Exercito de Salvação

Naquelle bonde de Copacabana, chamava a attenção dos

passageiros uma senhora com ares de inglesa, loura, e de olhos azues, trajando um costume azul marinho, de botões dourados, e um chapéu de soldado americano, mas da cor do costume, em que se lia, por extenso: «Exercito de Salvação». Não era, porém, unicamente o uniforme que despertava a curiosidade geral: era, também, a rapidez com que a dama cuspiu, ora no espelho do carro, ora do lado de fóra, incomodando com tanta saliva os seus vizinhos de banco.

A dois metros desse chuveiro, o dr. Tigre de Oliveira acompanhava aquella curiosidade, quando uma senhora, a seu lado, indagou:

— Que é que significa o letreiro d'aquelle chapéu, doutor?

— Aquillo, minha senhora, está errado, — observou o jovem operador. — Falta, alli, um «i».

E corrigiu:

— Exercito de Sal-i-vação!

Distracção

Entre o verão do anno passado e este, que agora principia, o jovem capitalista casou-se com uma das meninas mais encantadoras que conhecera em Petropolis. Com a primeira ameaça de calor, o caszinho correu á estação da Praia Formosa, apeando-se alli.

— Espera um instante, — pediu o marido; — eu vou comprar os bilhetes.

Momentos depois voltava, retomava o braço da companheira, e á entrada, apresentava o bilhete de passagem.

— Um só, para duas pessoas? — estranha o fiscal. O capitalista bateu na testa.

— E' verdade! — exclama.

E para a esposa:

— Eu vivi tantos annos solteiro, que tinha me' esquecido de til...

(Cont. de Rodrigo Octavio)

Exteriores da Argentina. Tornados intimos, Rodrigo Octavio começou a conversar em hespanhol, com a loquacidade que o singularisa. O argentino ouvia-o, attento, como quem se mostra admirado pelo que vê, ou, melhor, pelo que ouve. Feita uma pausa, interveio, olhando o naco patricio:

— E' curioso o que se dá com o senhor. Os brasileiros, em geral, quando encontram um argentino, põem-se, logo, a falar em hespanhol. E o resultado é o argentino não comprehender nada, absolutamente, do que elles dizem. O senhor, não; o senhor fala em portuguez, mas um portuguez tão claro, tão nítido, que eu estou comprehendendo perfeitamente!

Rodrigo Octavio sorriu, e continuou a falar em hespanhol. E Pueyrredon continuou a ouvi-lo, observando, encantado, como o portuguez tinha, aqui e alli, semelhanças com o castelhano...

Rodin





"POTINS"

A secção que dá sorte

Quando aquella creaturinha loura de boquinha de cravo chegou ao Rio, empregou-se como costureira da grande casa de roupas brancas, como costureira, cabendo-lhe pela simplicidade da feitura, a secção de roupas de cama. Fazia fronhas, lençóis, colchas de linho, e com tamanha pericia, que o gerente da casa acabou casando com ella, e retirando-a do serviço para fundação do seu lar.

Esse acontecimento, é, ainda hoje, objecto de commentarios, no «atelier» do estabelecimento. E quando se fala na antiga companheira, não ha costureirinha que não diga, com um sorriso ao canto da bocca:

— Foi uma felizarda!

E logo, com ironia:

— Fez a fortuna na secção dos «lençóis»!

Um defunto historico

Até hoje ninguém aprou, ao certo, se aquelle conhecido advogado nortista, fallecido ha poucos annos, era um imbecil, ou um expertalhão. Casado com uma das senhoras mais lindas que têm apparecido no Rio, vivia sempre nas rodas de cavalheiros endinheirados, aos quaes apresentava, com um sorriso inexpressivo, aquelle thesouro de neve e rosa que um pae imprevidente lhe collocara nas mãos.

— Minha esposa... — dizia.

E indicando o «apresentado»:

— Sê amigo d'elle, que é um bom camarada.

Durante o dia, a casa do saudoso bacharel, em Copacabana, tinha, sempre, na ausencia do dono, um amigo, senador ou deputado, que ia tomar chá. A' noite, porém, o doutor estava em casa, o que não obstava que um amigo, ou outro, lhe fosse bater á aldraba da porta.



Abrir, elle proprio, a casa, era trabalho que lhe não competia. E, para isso, possuia uma creada, tendo, ainda, o cuidado de não dormir com a esposa no mesmo quarto, afim de poder ficar deitado, de manhã, até a hora que entendesse. As vezes, estava o nosso homem recolhido aos seus lençóis, quando soavam pancadas, em baixo, na porta da frente. O dono da casa meditava quem seria, e, de repente, batia na testa.

— Quem sabe se não sou eu? — dizia.

E para a creada, em baixo:

— Antonia!

— Senhor!

— Vae vêr se sou eu que está batendo na porta!

E é corrente, ainda hoje, que o saudoso advogado entrava em casa, trez e, até, quatro vezes, por noite...

A grande artista

Levada, por algumas amigas, a uma reunião mundana de Botafogo, a sympathica senhorita provinciana foi apresentada como um verdadeiro genio musical.

— Que é que a senhora toca? — indagou uma das damas presentes.

— Somente violão, — informou a victima.

Instantes depois, a dama que havia feito essa pergunta, insistiu:

— A senhora toca Chopin?

A artista corou, com raiva. E foi vermelha, quasi congestionada, que explodiu:

— Não, senhora.

E com um trejeito, torcendo o beijo:

— Foi instrumento que eu nunca vi!

Cont. de GUERECIA

as fraldas, e atirou-se, rua abaixo, numa carreira desenfreada, até a sua casa, onde entrou, sendo visto apenas por um visinho, dos mais prestimosos, chamado Mathias Licopodio.

Emquanto isso, no domicilio de Pigelevent se desenrolava outra scena, mais o menos parecida. O marido, sentindo-se, de novo, apaixonado, havia tido novas exigencias, e de tal ordem, que a esposa, para acalmal-o, lhe havia applicado um formidavel bofetão.

III

No dia seguinte, enquanto o sr. Pigelevent tomava o seu «vermouth» no botequim do «Coelho Verde», os que haviam presenciado o insuccesso de Thomaz, diziam lhe, pilheriando:

— Então, Pancrácio, tens uma mulher que é mestra na arte das bofetadas; não?

Recrindo o que lhe havia succedido na vespera, o interpellado concordou, esranhando:

— E' verdade! Mas com é que vocês sabem disso?

— Ora, esta é boa! — interpuzeram os outros — Uma cousa que todo mundo viu!

Pigelevent quedou-se meditabundo, perguntando-se a si mesmo como é que toda a cidade poderia ter assistido aquelle

misterio da sua alcova. E pensava nisso, quando Mathias Licopodio, chegando a bocca a seu ouvido, sussurrou:

— Pancrácio, tua mulher entrou, hontem, na casa de Julião!

— A que horas?

— A's oito da noite.

Pigelevent soltou uma gargalhada.

— E's um embusteiro — disse — A essa hora precisamente, minha mulher estava na minha alcova, a meu lado, dando-me um bofetão! E si queres verificar se é, ou não, certo, pergunta a estes cavalheiros, que, segundo elles proprios dizem, fóram, todos, testemunhas do escandalo!

O jovem Thomaz, que entrava na occasião, dirigiu-se, direito, a Pigelevent, apresentando-lhe a mão. Não lhe disse nada, com a bocca. Os seus olhos eram, porém, eloquentes, e pareciam dizer:

— Eu sei, meu velho! Eu conheço, tambem, aquellas bofetadas!...

Armand Silveste



Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito.

Uma experiencia custa apenas:

Liquido: 2\$500
Pasta: 2\$000

A venda em toda parte — Em São Paulo: Casa Lebre — Deposito geral: Casa Hermann, Rio.

PAGINA DOS TENENTES

LEALDADE

Os 1.^{os} tenentes Abelardo Gomes e Paulo Emilio tinham feito amizade desde a Escola Militar, de onde haviam sahido no mesmo anno, com serviço no mesmo regimento. Haviam sido promovidos no mesmo anno, e, como não tinham, jamais, andado longe um do outro, acabaram, naturalmente, querendo-se como irmãos.

Certo dia, porém, Abelardo fez uma revelação ao amigo. Havia encontrado uma rapariga, separada do marido, da qual se agradara, e com a qual ia, em breve, residir.

— Vamos viver como casados, — disse. — Eu gosto della, e ella de mim, e podemos ser, os dois, perfeitamente felizes.

E batendo no hombro do outro:

— Tu has de conhecel a. Qualquer dia d'estes, irás almoçar connosco.

A casa que o tenente Gomes escolhera para seu ninho de amor ficava em Botafogo, proximo á rua da Passagem. Era um «chalésinho» gracioso, com entrada pelo lado, e todo cheio de flores, de avencas e de «répes» coloridos, ajustados com esse tacto, esse cuidado, esse apuro que só sabem ter as mulheres enamoradas.

Recebido jovialmente pelo amigo, Paulo Emilio ficou encantado com a companheira que este descobrira. Luizinha era, realmente, um encanto, uma joia, de que aquella casa era o estojo. Phisionomia franca, de olhos bregeiros, e um cacoete curioso, de suspender, sempre, da testa clara e lisa, á maneira da Borelli, uma pequena madeixa imaginaria.

— Dou-te os meus parabens, meu velho! — exclamou o rapaz, ao ver a esposa provisoria do outro. — Dou-te os meus parabens. Flores desta ordem não existem em qualquer jardim!

Luizinha achou graça no galanteio, riu muito das pilherias que explodiram á mesa, emprestando a tudo um pouco d'aquella graça, d'aquelle encanto, d'aquella bregeirice dos seus olhos. Isso não impediu, entretanto, que Abelardo Gomes notasse na companheira um interesse particular pelo amigo, que era, effectivamente, um bello rapaz.

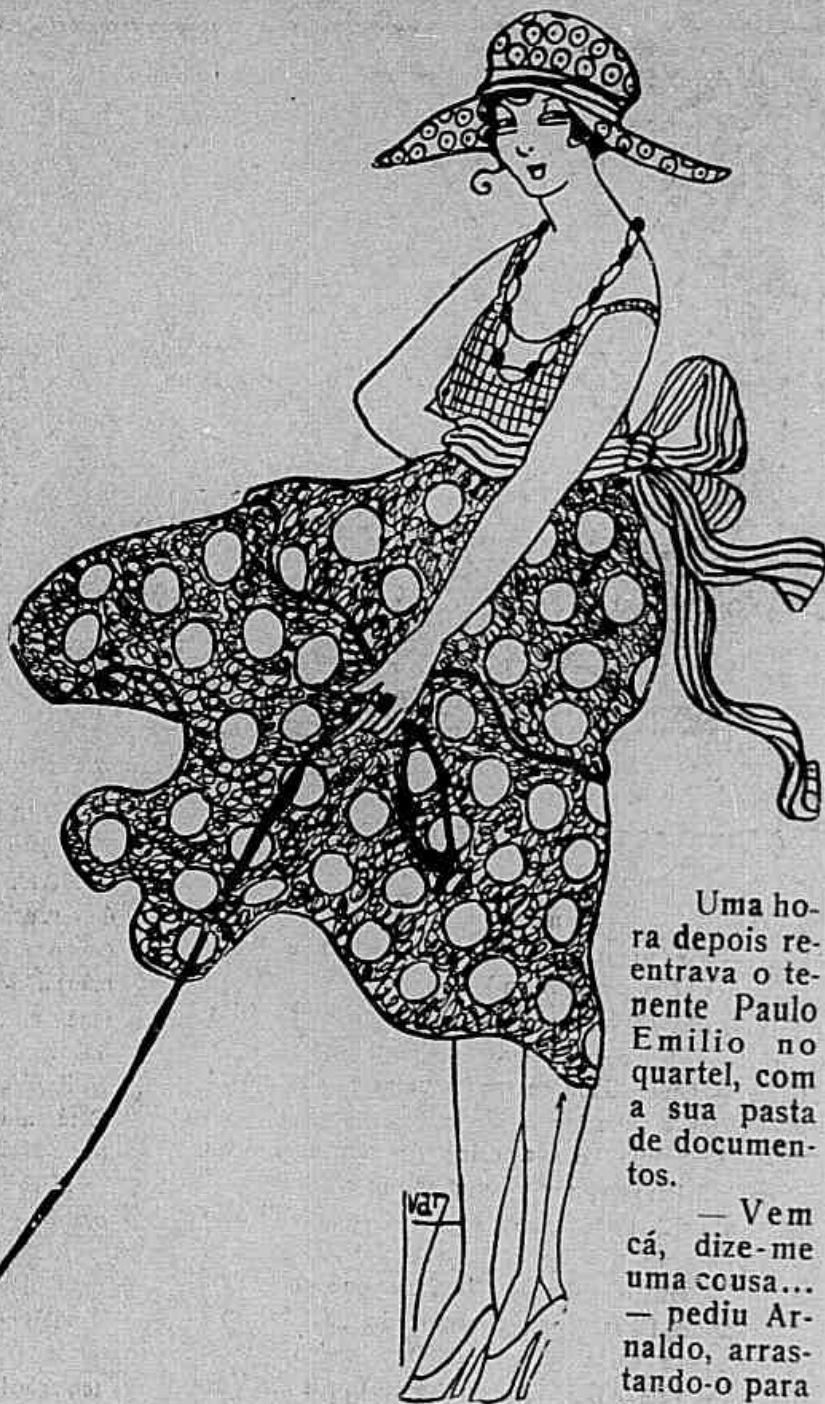
Bebido o ultimo góle de café,

despediram-se, os dois, da rapariga, tomando, a pé, o caminho do Regimento. E estavam, já, quasi á porta do quartel, quando Paulo Emilio exclamou, aborrecido:

— Diacho! Deixei a pasta dos papeis na tua casa... E agora?

E antes que o outro falasse:

— Eu vou buscá-a. Desculpa-me com o coronel Fernandes, que eu estarei de volta em quinze minutos.



Uma hora depois re-entrava o tenente Paulo Emilio no quartel, com a sua pasta de documentos.

— Vem cá, diz-me uma coisa... — pediu Arnaldo, arrastando-o para um canto.

E olhando-o nos olhos:

— Tu me trahiste; não?

— Eu? — protestou o outro. — Juro te que não!

— Juras?

— Juro!

Offendido com a suspeita, Paulo Emilio insistiu:

— Diz-me uma coisa: em meu lugar, meu amigo como és, que é que tu farias?

— O que tu fizeste.

O outro fitou-o de frente.

— E que foi que eu fiz? — indagou

Abelardo Gomes sorriu. E foi sorrindo que confessou, batendo no hombro do amigo:

— Jurava... falso!

E apertaram-se as mãos, camaradas.

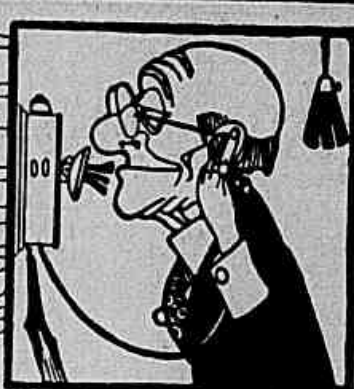
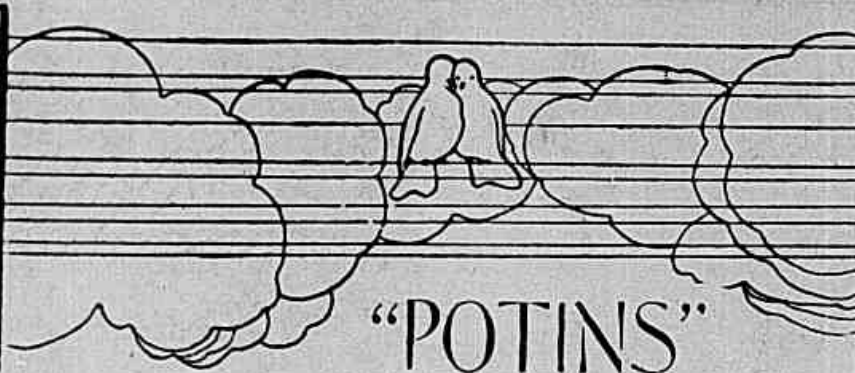
Tenente Martins

Para molestias da Pe!!e



LU-GO-LI-NA

Dr. Eduardo França



"POTINS"

idade parisiense

regresso da Europa, onde se inteirou de todas novidades galantes que a guerra suggeriu, madame a em um grupo de amigas:

O «chic», agora, em Paris, é a gente mandar no corpo o retrato da creitura que se quer bem, obriga, de algum modo, á fidelidade, porque como sabem, a tatuagem não sae nuaca.

— E você trouxe de lá algum retrato no corpo? —

— Foi um das ouvintes.

Madame sorriu, perversa.

— Eu? — indagou, batendo no peito. — Miniaturas as.

Leviana, rindo:

Sinão, vocês comprehendem, o «album»... não!

a de confusões!

Elle jovem e sumptuoso capitalista, regresado recentemente da Europa, era sempre recebido com aquella casinha de Copacabana, em que o estado é tão bonito como a mulher. Uma d'estas tardes, madame o recebeu em pyjama de seda, cabelos de raro presos no alto, e escondidos por um coquet de «jockey».

— Não te quero assim, — protestou o visitante, indignado. — Nada de confusões.

— E pondo o chapéo na chapeleira:

— A não ser que o teu marido passe a usar meias e deixe crescer o cabelo!

— A lembrança é, porém, inexequivel. O marido de madame é... careca!

Viagem de bonde

Galeria Cruzeiro, cinco horas da tarde. O bonde do Largo dos Leões vinha cheio, tendo apenas um banco em que havia quatro pessoas, e na extremidade do qual, do lado da entrada, se sentava aquella sympathica senhorita de trinta annos, cuja vida é cercada de certo misterio. No alpendre da Galeria, o velho senador toma o cirro, na ponta do banco, completando a lotação. Na rua Senador Dantas, porém, começou a chegar-se para a sua vizinha. Esta afastou-se. Elle chegou mais. Ella encolheu-se. E a lucta continuava n'esta pé, quando na Lapa, um rapazola tomou o bonde, sentando-se no canto do banco, que o senador, na avançada, ia deixando vazio.

— Perdão, cavalheiro, — protestou o velho parlamentar, — mas este banco já tem cinco pessoas!

O passageiro olhou, e sorriu. O ancião havia apertado, já, por tal forma, os outros occupantes, afim de se encostar á moça, que já só occupavam, os cinco, a metade do banco!

Exercito de Salvação

Naquelle bonde de Copacabana, chamava a attenção dos

passageiros uma senhora com ares de ingleza, loura, e de olhos azues, trajando um costume azul marinho, de botões dourados, e um chapéo de soldado americano, mas da côr do costume, em que se lia, por extenso: «Exercito de Salvação». Não era, porém, unicamente o uniforme que despertava a curiosidade geral: era, tambem, a rapidez com que a dama cuspiu, ora no soalho do carro, ora do lado de fóra, incomodando com tanta saliva os seus vizinhos de banco.

A dois metros desse chuveiro, o dr. Tigre de Oliveira acompanhava aquella curiosidade, quando uma senhora, a seu lado, indagou:

— Que é que significa o letreiro d'aquelle chapéo, doutor?

— Aquillo, minha senhora, está errado, — observou o jovem operador. — Falta, alli, um «i».

E corrigiu:

— Exercito de Sal-i-vação!

Distracção

Entre o verão do anno passado e este, que agora principia, o jovem capitalista casou-se com uma das meninas mais encantadoras que conhecera em Petropolis. Com a primeira ameaça de calor, o casalsinho correu á estação da Praia Formosa, apaiando-se alli.

Espera um instante, — pediu o marido; — eu vou comprar os bilhetes.

Momentos depois voltava, retomava o braço da companheira, e á entrada, apresentava o bilhete de passagem.

— Um só, para duas pessoas? — estranha o fiscal. O capitalista bateu na testa.

— E' verdade! — exclama.

E para a esposa:

— Eu vivi tantos annos solteiro, que tinha me' esquecido de ti!...

(Cont. de Rodrigo Octavio)

Exteriores da Argentina. Tornados intimos, Rodrigo Octavio começou a conversar em hespanhol, com a loquacidade que o singularisa. O argentino ouvia-o, attento, como quem se mostra admirado pelo que vê, ou, melhor, pelo que ouve. Feita uma pausa, interveio, olhando o caso patricio:

— E' curioso o que se dá com o senhor. Os brasileiros, em geral, quando encontram um argentino, põem-se, logo, a falar em hespanhol. E o resultado é o argentino não comprehender nada, absolutamente, do que elles dizem. O senhor, não; o senhor fala em portuguez, mas um portuguez tão claro, tão nitido, que eu estou comprehendendo perfeitamente!

Rodrigo Octavio sorriu, e continuou a falar em hespanhol. E Pueyrredon continuou a ouvi-lo, observando, encantado, como o portuguez tinha, aqui e alli, semelhanças com o castelhano...

Rodin





Os suecesso theatraes

NO TRIANON

O Bezerro de Ouro

de

Heitor Modesto

(Duas scenas comicas deliciosas)

ACTO III.

Sc-na IX

Maia — 60 annos (Arthur de Oliveira) e Rosa — 25 annos (Palmyra Silva.)

(Maia entra assobiando baixo a procura dos charutos que estavam sobre a mesinha.)

MAIA — Onde diabo se metteram esses charutos?! Elles estavam aqui...

ROSA (entrando com a caixa de charutos) Veja como eu adivinho o que o senhor quer...

MAIA — E' isso mesmo... Mas é extraordinario como essa rapariga sabe fazer as coisas...

ROSA — E' que eu me lembrei que o senhor vinha sempre fumar um charuto depois do café e fui buscar a caixa que «seu» Oswaldo me deu...

MAIA — (escolhendo um charuto) Ah... Vos-mecê, então, deu agora para fumar charuto?

ROSA — Deus me livre de por essa historia na bocca... Elle deu os charutos para o Joaquim... Ora, «seu» Maia... O senhor tem cada uma!... O senhor não vê que eu não bôto isso na bocca?...

MAIA — (ascendendo o charuto e olhando brevemente para Rosa) Mal empregado... Com franqueza...

ROSA — Que? seu Maia... Os charutos?

MAIA — A dona dos charutos.

ROSA — Ora, «seu» Maia... por que?

MAIA — Pois o Joaquim é lá homem que mereça uma mulhersinha que adivinha os pensamentos da gente, como você?!

ROSA — Pois olhe que desta vez eu não adivinho o que o senhor quer dizer...

MAIA — Adivinha... adivinha... olá se adivinha... Você não é mulher para o Joaquim...

ROSA — Eu?!... Não sou mulher para o Joaquim?!... O senhor está muito enganado... O Joaquim é que não é homem para mim... Lá isso é verdade... Mas que é que o senhor quer... A gente tem de aguentar o destino que Deus lhe deu...

MAIA — Enquanto elle aguenta todo o dia a direcção do automovel... com aquellas mãos callejadas... Você merecia mãos bem macias (mostrando as mãos) Olhe... assim como estas... Sim... porque as Rosas devem ser tratadas com mãosinhas bem leves e macias... Olhe... como estas. Veja... veja como são macias...

ROSA — (olhando e rindo) Estou vendo...

MAIA — (chegando-se) Veja... veja direito...

ROSA — Estou vendo «seu» Maia...

MAIA — Ora... para ver direito é preciso... pegar... apalpar... (sempre apresentando a palma da mão)... Vá... ao menos para dar uma esmolinha... Só uma esmolinha.

ROSA (dando uma palmada na mão de Maia) Esté ahí... prompto... (recua, fugindo e perseguida por Maia)

MAIA — O' diabol... outra esmolinha... anda... outra esmolinha...

ROSA (rindo e dando umas pancadinhas na mão de Maia) — Está ahí... está ahí... (sae pela direita)

MAIA (vendo Rosa sahir) — O' diabol... O' tentação!...

(D. Lucia que entra pela esquerda aprecia o final da scena)

Scena X^a

D. Lucia (Apollonia) e Maia (Arthur de Oliveira)

D. LUCIA — Tambem o senhor!... «seu» Maia!

MAIA (voltando-se com sobresalto) O' senhora Lucia! Estava ahí?... Olhe que eu não sabia... (estendendo a mão para cumprimentar) Como tem passado... Os seus estão bons? Vejam só!... De uma brincadeira innocente que é que a senhora irá pensar...

D. LUCIA (sentando) — Estou pensando é que o Juliano irá fazer quando ficar sosinho no mundo... E' só o que me mette medo na morte...

MAIA — Lá por isso elle pôde não esperar a sua morte...

D. LUCIA — Como?!... O senhor acha que elle deve começar desde já!

MAIA — Não é isso o que eu quero dizer... ou por outra... elle pôde ir primeiro...

D. LUCIA — Homem velho sosinho no mundo 'começa logo a fazer bobage... Olhe... quer que lhe diga... é melhor casar de uma vez...

MAIA — Isso é que não pôde ser infelizmente... infelizmente.

D. LUCIA — Não